

Departamento de Ciência Política e Políticas Públicas

O papel das mulheres no combate à insegurança alimentar: um
estudo de caso na sociedade Felupe da Guiné-Bissau

Ludmila Melo da Costa Bolonha

Dissertação submetida como requisito parcial para obtenção do grau de
Mestre em Estudos Africanos: Análise e Gestão do Desenvolvimento Social e Económico

Orientadora:
Doutora Ana Catarina Larcher das Neves Santos Carvalho, Professora Auxiliar Convidada
ISCTE - Instituto Universitário de Lisboa

Março, 2013

RESUMO

A segurança alimentar em África tem sido ameaçada por várias condicionantes externas e internas como a crise mundial económica e financeira, as mudanças climáticas ou as migrações. A “crise dos cereais” de 2007-2008, que levou à inflação dos preços dos alimentos, com consequências graves para muitas populações, veio reforçar as preocupações em relação aos riscos de insegurança alimentar em vários países do continente.

Os felupes são uma sociedade do Norte da Guiné-Bissau, que se dedica à agricultura, nomeadamente ao cultivo de arroz, e que é afectada por várias destas condicionantes. É através do cultivo do arroz que os felupes garantem a sua segurança alimentar sendo que o arroz tem também um papel essencial na estrutura da sociedade. No entanto, factores como as alterações climáticas e as migrações têm ameaçado constantemente esta actividade e os felupes desenvolveram várias estratégias para fazer face a estas pressões. As mulheres têm assumido um papel preponderante nestas estratégias, tendo o seu papel tradicional mudado.

Esta tese tem como objectivo compreender as estratégias utilizadas pelas mulheres felupes para combater a insegurança alimentar na sociedade felupe. As mulheres sempre tiveram um importante papel na actividade agrícola que se estendia desde o cultivo até a comercialização dos produtos, cumprindo um calendário de trabalho bastante rigoroso. Com as pressões a que esta sociedade tem estado sujeita, as mulheres foram desenvolvendo estratégias para fazer face aos desafios: foram acumulando novas tarefas que dantes não assumiam, foram adaptando as técnicas de produção através da escolha de tipo de sementes diferentes e, acima de tudo, foram-se organizando de forma diferente para melhor fazer face ao desafio de garantir a segurança alimentar das suas famílias.

Palavras-chave: Segurança Alimentar, Felupes, Mulheres, Agricultura, Migração.

ABSTRACT

Food security in Africa has been threatened by internal and external pressure factors such as the world economic and financial crises, climate change and migration. The “cereal crisis” of 2007-2008, who led to food price inflation was another such factor which had several consequences for many populations and brought again to the international fore concerns about food insecurity in several African countries.

The Joola/felupe is a society of Northern Guinea-Bissau, whose main activity is agriculture namely rice production and who is greatly affected by these pressure factors. It is through rice cultivation that the felupe ensure their food security, but rice has also a key role in the structure of society. Factors such as climate change and migration are increasingly putting pressure on this activity and the felupe have developed several strategies to overcome them. Women have assumed key roles in these strategies, their traditional roles having been changed as a result.

The objective of this thesis is to understand the strategies implemented by felupe women to fight food insecurity. Women have always had an important role in agricultural performing diverse activities which ranged from cultivation to commercialization, following a very rigorous working timetable. To face the pressures on food security, women have developed several coping strategies: these include performing activities that were not traditionally assigned to them, adapting agricultural production techniques by choosing, for instance, different types of seeds and, above all, by organizing and strengthening women’s associations so that together they are better equipped to ensure the food security of their families and community.

Key words: Food Security, Felupes, Women, Agriculture, Migration.

O papel das mulheres no combate à insegurança alimentar: um estudo de caso na sociedade Felupe da Guiné-Bissau.

AGRADECIMENTOS

A realização desta tese não teria sido possível sem as pessoas que de forma decisiva me ajudaram a concretizar mais este objectivo tão importante tanto para a minha vida profissional como pessoal. Desta forma, presto os meus sinceros agradecimentos aos professores que me orientaram, aos informantes que compartilharam os seus conhecimentos, aos familiares e amigos que estiveram presentes nos momentos em que me senti insegura, ansiosa e cansada.

Agradeço à minha orientadora, Doutora Ana Catarina Larcher das Neves Santos Carvalho, a orientação, o tempo que me dedicou, a paciência, os conselhos, a ajuda, as sugestões e as correcções.

Agradeço ao Professor Doutor Eduardo Costa Dias, pelo seu contributo imprescindível na realização deste trabalho. Pela orientação, pelo incentivo e por ter tornado a ida à Guiné-Bissau uma realidade e, para mim, uma experiência da qual nunca me vou esquecer.

Aos meus colegas e amigos, Filipa Perestrello, Lúcia Bayan, Miguel Freitas e Sandra Mula, agradeço as inúmeras reuniões, o apoio, as sugestões e a paciência. Ao Miguel muito obrigada pela paciência, pela disponibilidade e por ser um bom ouvinte.

Agradeço ao Bp. Júlio Freitas pelas palavras de incentivo, pela compreensão e apoio que permitiram retornar e concluir.

À Ana Rita Vaz, pela amizade, pelo tempo que me dedicou, pela paciência de ter lido vezes sem conta esta tese, pelas críticas construtivas, pelo incessante incentivo.

Na Guiné-Bissau, agradeço ao colega e amigo Samba Tenem Camará pela atenção, preocupação e pelo apoio. Agradeço à ONG "Acção para o Desenvolvimento" (AD) por nos acolher. Em São Domingos, agradeço ao Issa Indjai, pela dedicação, pelas manhãs, pelas tardes dedicadas, pelos conhecimentos partilhados e por ter sido o nosso guia.

Em Suzana, agradeço às irmãs Yanina Cisneros Zegarra e Socorro Monsalve pelo acolhimento. Ao Padre Zé (Giuseppe Fumagalli) pelo acolhimento, disponibilidade e por partilhar os seus conhecimentos. Ao amigo e nosso guia Francisco Fidel Bacula, agradeço a disponibilidade, a paciência e apoio dispensado na realização das entrevistas e nas visitas guiadas.

O papel das mulheres no combate à insegurança alimentar: um estudo de caso na sociedade Felupe da Guiné-Bissau.

Manifesto também os meus agradecimentos aos informantes de São Domingos e Suzana que contribuíram para a realização do trabalho de campo. Em Bissau agradeço ao Gibril, a Milocas e a Tina, por me acolherem, pelo tempo que me dedicaram e pela atenção.

O papel das mulheres no combate à insegurança alimentar: um estudo de caso na sociedade Felupe da Guiné-Bissau.

Aos meus pais Pedro e Eugénia
por tantos sacrifícios que fizeram e continuam a fazer.
A minha mana e amiga Zenaide,
pelo companheirismo, preocupação e compreensão.

ÍNDICE

	Página
Introdução	1
Capítulo I – Segurança Alimentar	7
Segurança Alimentar – A construção do conceito	7
O conceito de segurança alimentar no contexto africano	11
A segurança alimentar na Guiné-Bissau e na sociedade felupe	12
Capítulo II – A organização da Sociedade felupe e a importância do arroz	14
Organização do espaço e administração local	14
O grupo Joola	15
Os felupes	17
Religião e organização do poder na sociedade felupe	20
As iniciações e o secretismo	23
A missão católica	26
A família e a divisão do trabalho entre homens e mulheres	28
A propriedade da terra	31
A importância do arroz na sociedade felupe	33
Capítulo III – O sistema de produção agrícola e a segurança alimentar	36
A importância do arroz para a segurança alimentar	36
O papel dos produtos de renda e hortícolas na manutenção da segurança alimentar	39
A contribuição da pesca para a segurança alimentar	43
A divisão do trabalho e o papel das mulheres na agricultura	44

O papel das mulheres no combate à insegurança alimentar: um estudo de caso na sociedade Felupe da Guiné-Bissau.

Capítulo IV – A insegurança alimentar e as estratégias das mulheres para combater.....	51
Os constrangimentos à produção agrícola.....	51
As estratégias das mulheres para combater a insegurança alimentar.....	55
Conclusão	62
Referências Bibliográficas	67

ÍNDICE DE QUADROS E FIGURAS

	Página
Quadro 1 – O calendário de trabalho	39
Quadro 2 – O calendário das mulheres	45
Quadro 3 – O calendário dos homens	47
Quadro 4 – O calendário das crianças.....	48
Figura 1 – Mapa da região do grupo Joola.....	17
Figura 2 – Mulher utilizando a máquina descascadora de arroz.....	27
Figura 3 – Venda de arroz importado	37
Figura 4 – Extracção do vinho de palma.....	41
Figura 5 – Mulheres no lumu.....	42
Figura 6 – Mulher carregando lenha	46
Figura 7 – Rapazes tratando do gado	48
Figura 8 – Raparigas vigiando as bolanhas contra os pássaros.....	49
Figura 9 – Plantação do arroz em bolanha.....	52
Figura 10 – Dique, impede que a água salgada entre para a bolanha	52
Figura 11 – Homem trabalhando a terra com o Kayendo	53
Figura 12 –Infantário de Suzana	61

O papel das mulheres no combate à insegurança alimentar: um estudo de caso na sociedade Felupe da Guiné-Bissau.

GLOSSÁRIO DE SIGLAS

AOFISS	Associação Onenoral dos Filhos da Secção de Suzana
FAO	Food and Agriculture Organization
ODM	Objectivos da Declaração Do Milénio
ONU	Organização das Nações Unidas
PAIGC	Partido Africano da Independência da Guiné e Cabo Verde
PIME	Pontifício Instituto das Missões Exteriores

GLOSSÁRIO

Awaseema	Religião tradicional Joola.
Ây	Rei; Sacerdote principal representante dos Felupes.
Bakìn – abu	Santuário.
Bolanhas	Terrenos alagadiços de fertilidade variável.
Bolanha de água salgada	Técnica de cultivo de arroz utilizada no Senegal e na Guiné-Bissau. Estes terrenos são inundados por água salgada e são aproveitados para o cultivo de arroz.
Elluup ai	Casa.
Hank	Morança, Unidade de residência, Concessão.
Kayendo ou Kajandu	Grande enxada, com um cabo comprido e uma pá oval.
Keelume	Bairro.
Lumu	Feira/mercado popular que se realiza num determinado dia da semana.
Mangrove	Associação de plantas arborescentes e arbustivas.
Ukìn	Plural de Bakìn.
Oryza Glaberrima	Variedade de arroz africana.
Oryza Sativa	Variedade de arroz asiática.
Pam-pam	Arroz de sequeiro.
Tabanca	Povoação.

INTRODUÇÃO

A reflexão sobre o conceito de segurança alimentar começou a ganhar expressão após o fim da Primeira Guerra Mundial em consequência das privações e fome sentidas na Europa, tendo passado a ser um tema de grande importância com a criação da Organização das Nações Unidas (ONU) em 1945, onde este conceito ganharia mais destaque (Nações Unidas, 2009:1)¹.

O conceito foi sendo transformado ao longo de décadas para integrar novas dimensões que foram sendo consideradas como constitutivas da «segurança alimentar» e a importância de assegurar a segurança alimentar dos povos foi sendo reiterada em numerosos fora. Após algumas décadas em que estas preocupações passaram para segundo plano, as questões da segurança alimentar voltam a ser consideradas centrais na Cimeira do Milénio². Nesta cimeira foram estabelecidos oito objectivos, o primeiro destes prende-se com erradicação da pobreza extrema e da fome. Este objectivo seria um meio de combater a pobreza, a fome e as doenças e de promover um desenvolvimento verdadeiramente sustentável (Declaração do Milénio, Nações Unidas, 2000:1-10)³.

No entanto, e apesar da melhor compreensão das múltiplas dimensões deste conceito e dos compromissos assumidos por parte das organizações internacionais e dos Estados, a segurança alimentar de todos os povos está longe de ser assegurada. Em 2012, a Organização das Nações Unidas para Agricultura e Alimentação (FAO) declarou que aproximadamente 925 milhões de pessoas no mundo não comem o suficiente para serem consideradas saudáveis. Isso significa que uma em cada sete pessoas no planeta vai para a cama com fome todas as noites (FAO, 2012:1)⁴.

A crise dos cereais de 2007-2008 veio agravar o estado de insegurança alimentar e comprometer a segurança alimentar de muitos, pelo que a FAO estima que, após a inflação mundial dos preços dos alimentos de 2007 – 2008 e a recessão económica subsequente, o número de pessoas que sofrem de fome crónica no mundo aumentou pelo menos 100 milhões, para os quase mil milhões de pessoas. O maior aumento ocorreu entre a população urbana

¹ Disponível em <http://unic.un.org/imucms/rio-de-janeiro/64/38/a-onu-e-o-desenvolvimento.aspx>. Ver ainda Sanches (2003:4).

² Onde foi aprovada a Declaração do Milénio que daí nasceram oito objectivos, conhecidos como Objectivos da Declaração do Milénio (ODM) com a presença de 147 Chefes de Estado e de Governo e representantes de 191 países.

³ Disponível em <http://www.unric.org/html/portuguese/uninfo/DecdoMil.pdf>

⁴ Disponível em: <https://www.fao.org.br/oqvpsf2012.asp>

O papel das mulheres no combate à insegurança alimentar: um estudo de caso na sociedade Felupe da Guiné-Bissau.

pobre, as mulheres e as crianças. Na África subsaariana o número de pessoas afectadas pela fome atingiu, em 2010, 239 milhões de pessoas, o que corresponde a 30% da população total (FAO, 2012:1)⁵.

As preocupações em torno da segurança alimentar não são recentes, como vimos, mas, nos últimos anos, tem-se intensificado o debate em torno deste conceito, impulsionado por uma maior preocupação política, suscitando também mais motivação para o seu estudo. A presente tese de Mestrado foi desenvolvida a partir de um projecto – “A sociedade Joola-felupe face à (in)segurança alimentar: dinâmicas e estratégias”, elaborado por um grupo de cinco mestrandos e que está enquadrado no Projecto de Investigação "Sociedades africanas face a dinâmicas globais: turbulências entre intervenções externas, migrações e insegurança alimentar" (Investigador Principal: Ulrich Schiefer; referência PTDC/AFR/104597/2008, financiado pela FCT).

Este projecto de investigação “a cinco mãos” estuda a questão da insegurança alimentar na população felupe, uma sociedade étnica do norte da Guiné-Bissau, na região de Cacheu, na zona litoral norte do país., especificamente nas localidades de São Domingos e Suzana. Procura identificar e compreender as dinâmicas e as estratégias postas em marcha nesta região pela sociedade felupe, com vista a garantir a sua segurança alimentar e a sobrevivência das populações em condições adversas. Como se trata de um problema multifacetado, o grupo de investigadores tentou estudar cinco dimensões que podem ter impacto na segurança alimentar na sociedade Joola-felupe: o papel das mulheres, as alterações climáticas e a degradação ambiental, o papel das autoridades tradicionais, a crescente urbanização e emigração.

Deste modo, foram elaborados cinco projectos de teses de mestrado, cada uma delas elaborada de forma individual, mas tendo como linha orientadora um projecto comum e uma investigação inicial conjunta apresentada num documento do qual serão transcritos alguns excertos nesta primeira parte introdutória (Perestrello et al., 2009)⁶.

A tese de mestrado que aqui se apresenta investiga, em particular, o papel que as mulheres desempenham no combate à insegurança alimentar na sociedade felupe. Neste sentido, a questão central deste projecto é tentar perceber que meios e que estratégias utilizam

⁵ Disponível em: <http://www.fao.org/publications/sofi/en/>. Ver também Relatório Especial do Tribunal de Contas Europeu sobre a eficácia da ajuda ao desenvolvimento da União Europeia para a segurança alimentar na África subsaariana. http://europa.eu/rapid/press-release_ECA-12-10_pt.pdf.

⁶ Perestrello, F, Bayan, L., Bolonha, L., Freitas, M., Mula, S. (2009) A sociedade Joola-felupe face a (in)segurança alimentar: dinâmicas e estratégias, Projecto de investigação. Acessível em <http://estudosaficanos.files.wordpress.com/2010/04/projectofinal.pdf>

O papel das mulheres no combate à insegurança alimentar: um estudo de caso na sociedade Felupe da Guiné-Bissau.

as mulheres para fazer face à insegurança alimentar. As mulheres têm um papel fundamental nas sociedades africanas cabendo-lhe papéis centrais tanto na produção, como no estabelecimento das condições de equilíbrio societal. Percebê-los é essencial para a compreensão fundamentada das actuais dinâmicas sociais, políticas e económicas nas sociedades rurais. O seu papel central na produção agrícola na sociedade felupe e no desenvolvimento de estratégias de sobrevivência face às pressões sobre a segurança alimentar, justificam o foco desta tese.

A sociedade felupe, objecto deste estudo, por vezes chamada joola-felupe por referência ao grupo maior, os joola, em que os felupe estão inseridos, é uma sociedade rural que apesar de localizada numa região fértil do continente africano e historicamente referenciada como sociedade segura em matéria alimentar, é hoje particularmente afectada pela insegurança alimentar. Esta é cada vez mais agravada pelos constrangimentos que afectam nomeadamente a produção de arroz, a sua cultura base.

O arroz é a “cultura fetiche” e a bolanha⁷, o terreno alagadiço onde se cultiva o arroz, o centro de todas as atenções dos joola-felupe, com uma técnica de cultivo tradicional que requer, para além de muita mão-de-obra, o domínio de conhecimentos e práticas que permitem a gestão corrente das tarefas agrícolas ligadas ao cultivo do arroz e a manutenção cuidada e permanente de um complexo sistema de canais de controlo de entrada e saída de água na bolanha.

Nas últimas décadas vários factores contribuíram fortemente para a degradação crescente dos *stocks* alimentares e das outrora abundantes áreas cultivadas pelos joola-felupe. De entre esses factores, destacam-se as condições climáticas cada vez mais extremas e mais instáveis e a crescente degradação dos solos e dos mangroves⁸, essenciais à rizicultura em bolanha; e a não manutenção dos diques de protecção e dos canais de rega (Linares, 2002: 16360-16365).

Este estudo vai tentar compreender, em primeiro lugar, o lugar da mulher na sociedade felupe e no sistema agrário e, seguidamente, identificar quais os constrangimentos que enfrentam na manutenção do mesmo e que dificuldades representam estes constrangimentos

⁷ Bolanhas são terrenos alagadiços de fertilidade variável. A bolanha de água salgada é uma técnica de cultivo de arroz utilizada no Senegal e na Guiné-Bissau. Estes terrenos, do tipo mangrove, inundados por água salgada, são aproveitados para o cultivo de arroz através de complexos sistemas de comportas para entrada e saída de água, tentando-se controlar a excessiva salinidade do solo através da água das chuvas.

⁸ O mangrove é a associação de plantas arbóreas e arbustivas, caracterizada por adaptações morfológicas e/ou fisiológicas, que lhes permite sobreviverem num meio instável, influenciado periodicamente pelas águas salobras ou marinhas.

O papel das mulheres no combate à insegurança alimentar: um estudo de caso na sociedade Felupe da Guiné-Bissau.

para a garantia da segurança alimentar e as estratégias utilizadas pelas mulheres para os superar. Identificar as estratégias utilizadas para ultrapassarem certos condicionamentos, como se verá que é o caso das associações das mulheres, permite perceber que o seu papel não se restringe à produção ou à venda de produtos. A mulher não é apenas uma agente de produção mas tem também uma responsabilidade maior na garantia da sobrevivência da comunidade e no seu equilíbrio. As estratégias a que recorrem as mulheres para ultrapassar os constrangimentos que colocam sérias dificuldades à manutenção da segurança alimentar, fazem também com que a mulher felupe assuma funções que não lhes eram tradicionalmente imputadas.

Deste modo, neste estudo colocam-se as seguintes questões: Como está organizada a sociedade felupe e como é que a mulher se insere nessa organização? Como está organizado o sistema de produção agrário e quais os papéis assumidos pelas mulheres? Quais são os desafios que se colocam à segurança alimentar e que estratégias foram desenvolvidas pelas mulheres para enfrentar os constrangimentos?

Para responder a estas questões, a metodologia utilizada para a realização do presente trabalho passa em primeiro lugar por tentar analisar alguns conceitos que serviram de base à realização deste trabalho, nomeadamente o de segurança alimentar e analisá-lo no contexto africano, analisar a organização social da sociedade objecto deste estudo, bem como perceber o seu sistema agrário. O conhecimento teórico sobre a sociedade Joola foi conseguido através da leitura bibliográfica de autores que estudaram não só os joola-felupe como também os joolas em geral, estabelecidos entre o Senegal e a Guiné-Bissau. Para poder responder às questões deste estudo foi também indispensável a recolha de dados através do trabalho de campo na Guiné-Bissau, que nos permitiu confrontar muitas das informações obtidas da pesquisa teórica.

A pesquisa de campo foi feita no chão felupe, localizado na região de Cacheu⁹ a norte do país, especificamente no sector de São Domingos e na secção de Suzana. O trabalho de campo foi realizado entre os meses de Novembro e Dezembro de 2009 tendo sido distribuído da seguinte forma: a primeira semana em São Domingos, a segunda em Suzana e a última novamente em São Domingos. A recolha de dados foi feita através de entrevistas, conversas informais e observação directa. O trabalho de campo foi feito por uma equipa de quatro dos mestrandos envolvidos no projecto.

⁹ Administrativamente a Guiné-Bissau está dividida em oito regiões (Bafatá, Biombo, Bolama/Bijagós, Cacheu, Gabú, Oio, Quinara e Tombali) e um sector autónomo (Bissau). Cada região subdivide-se em sectores.

O papel das mulheres no combate à insegurança alimentar: um estudo de caso na sociedade Felupe da Guiné-Bissau.

De maneira a dar conta, de forma estruturada, de todos estes aspectos, a presente tese de mestrado está organizada em quatro capítulos, dos quais faço um breve resumo.

No capítulo primeiro, são apresentados alguns conceitos que serviram de base para a realização desta tese. O conceito de segurança alimentar é enquadrado numa perspectiva histórica, desde a sua origem até à forma mais complexa que assume nos dias de hoje. O conceito é apresentado com base em definições de vários autores que permitem chegar a um maior entendimento relativamente ao conceito. Expõem-se também as preocupações expressas por organizações internacionais em torno da segurança alimentar e as medidas preconizadas, principalmente pelos países mais desenvolvidos, para se fazer frente ao problema de insegurança alimentar. Por fim, o conceito de segurança alimentar é analisado no contexto africano em que a agricultura tem ainda um papel fundamental e em que o conceito de segurança alimentar está intrinsecamente ligado ao de soberania alimentar, e são discutidos os constrangimentos tanto a nível local como internacional que se colocam à segurança alimentar. Analisa-se ainda a percepção da população felupe em relação à segurança alimentar e como esta é conseguida.

No segundo capítulo, é feita uma descrição da organização da sociedade felupe, começando por uma caracterização breve do grupo joola, onde se inserem os felupes, em termos históricos e geográficos e identificam-se as características comuns ao grupo em três vertentes: socioeconómica, linguística e religiosa. Em seguida, faz-se a caracterização da sociedade felupe em termos de organização social. São abordados os temas da religião, a sua importância no dia-a-dia dos felupes; do secretismo e de como esta característica regula a forma de se viver em sociedade e, por fim, a importância do arroz na sociedade felupe, a ligação deste elemento à dimensão religiosa e a sua importância como sustento e identidade dos felupes.

No terceiro capítulo, faz-se a caracterização do sistema de produção agrícola felupe, sendo esta a actividade principal de grande parte dos felupes e que garante a segurança alimentar aos membros da família. Neste capítulo, demonstra-se a importância da produção da cultura do arroz, que é desde sempre o garante da segurança alimentar dos felupes mas também de outras culturas igualmente importantes do sistema de produção e analisa-se o papel das mulheres neste sistema.

No quarto capítulo, as razões da insegurança alimentar e as estratégias das mulheres para a combater, analisam-se os constrangimentos que se levantam à produção

O papel das mulheres no combate à insegurança alimentar: um estudo de caso na sociedade Felupe da Guiné-Bissau.

agrícola e as consequências negativas que estes representam para a sua segurança alimentar. São finalmente identificadas as estratégias utilizadas pela mulheres felupes, para enfrentarem estes obstáculos e para fazer frente ao problema de insegurança alimentar. Por fim são apresentadas as conclusões, seguidas de uma reflexão sobre os métodos utilizados para a realização deste trabalho.

CAPITULO I – SEGURANÇA ALIMENTAR

Neste capítulo, o conceito de segurança alimentar é analisado de uma perspectiva da sua evolução histórica tendo em atenção sobretudo como foi sendo definido e redefinido pelas organizações internacionais e quais as estratégias preconizadas pelas mesmas para se fazer frente ao problema de insegurança alimentar.

Demonstra-se também como em alguns países africanos, nomeadamente na Guiné-Bissau, a segurança alimentar das populações está longe de ser assegurada, continuando a ser difícil garantir o acesso aos alimentos de grande parte da sua população.

Por fim, analisa-se como a segurança alimentar é percebida e conseguida por parte de muitos felupes.

Segurança alimentar – A construção do conceito

Após a Primeira Guerra Mundial, começam a surgir referências ao conceito de segurança alimentar, relacionado com o conceito de segurança nacional e ainda com a capacidade de cada país produzir os seus próprios alimentos, assegurando assim a soberania alimentar. Assim, esperava-se que os Estados fossem soberanos em termos alimentares, isto é, capazes de garantir a sua própria alimentação, de modo a que não ficassem dependentes do exterior.

Existe uma relação entre os conceitos segurança alimentar, Direito à Alimentação Adequada e Soberania Alimentar. Quando se fala em Segurança Alimentar refere-se a um objectivo e Direito à Alimentação Adequada alude a uma responsabilidade dos governos de encontrarem soluções para os problemas da fome e subnutrição. Por sua vez, a Soberania Alimentar alude à autonomia na produção nacional, evitando assim dependência de importação de produtos agrícolas. Implica ainda a existência de uma autonomia local, ou seja, espera-se que cada região dos países possa produzir alimentos variados, e em quantidades suficientes, para assegurarem as necessidades de consumo locais.

Durante muito tempo, o conceito de segurança alimentar, tal como surge no âmbito da VII sessão da Conferência da FAO (Organização para a Agricultura e Alimentação das Nações Unidas), realizada em Novembro de 1953, estava estritamente associado à produção agrícola. Esta relação entre produção e segurança alimentar foi reforçada pela instabilidade provocada pela crise económica de 1972-74. Perante este cenário, a solução para se fazer frente à crise de escassez passava por aumentar de modo significativo a produção agrícola.

O papel das mulheres no combate à insegurança alimentar: um estudo de caso na sociedade Felupe da Guiné-Bissau.

Deste modo, os países tinham a tarefa de criar excedentes de alimentos, para que no caso de alguma situação emergente pudessem ser utilizados (Maluf, 2000:1-2).

A partir dos anos 80, o conceito foi sendo redefinido, passa a distanciar-se da estrita necessidade de produzir, mas virando para as questões do acesso e da qualidade. A redefinição da FAO, assenta em três eixos: a oferta adequada dos alimentos, a estabilidade da oferta e dos mercados de alimentos, a segurança no acesso aos alimentos ofertados. Em 1986 o Banco Mundial define o conceito como «*o acesso por parte de todos, todo o tempo, a quantidades suficientes de alimentos para levar uma vida activa e saudável*» (Maniglia, 2009:126).

Esta nova abordagem serviu de base para considerar-se pela primeira vez outros aspectos relacionados com a Segurança Alimentar. A insegurança alimentar não é forçosamente só relacionada com a falta de alimentos, é necessário ter em conta o poder aquisitivo e a sua distribuição, bem como outros factores que impedem os indivíduos de aceder aos mesmos.

A pobreza é a maior causa de insegurança alimentar. Um desenvolvimento sustentável, capaz de erradicá-la, é crucial para melhorar o acesso aos alimentos. Conflitos, terrorismo, corrupção e degradação do meio ambiente também contribuem significativamente para a insegurança alimentar...

(Declaração de Roma Sobre a Segurança Alimentar Mundial e Plano de Acção da Cimeira Mundial da Alimentação, 1996:1)¹⁰

Estas questões foram importantes porque permitiram um entendimento mais multifacetado do conceito. Assim, a segurança alimentar não depende apenas da quantidade de alimentos disponíveis mas também da capacidade de cada indivíduo de a eles ter acesso.

Quando em 1996 foi realizada, pela FAO, a Cimeira Mundial da Alimentação, já existia um maior entendimento sobre as causas da insegurança alimentar, estando a pobreza no topo da lista. Assim sendo, nesta cimeira consolidou-se a ideia de que para atingir a segurança alimentar seria necessário um esforço para erradicar a pobreza.

Ao conceito foram-se, ainda, acrescentado novas dimensões relacionadas com a sua qualidade. Mantendo-se as mesmas bases, acrescentam-se as noções de «alimento seguro» (não contaminado biologicamente ou quimicamente), de «qualidade do alimento» (nutricional, biológica, sanitária e tecnológica), assim como outros factores como o equilíbrio

¹⁰ Disponível em <http://www.fao.org/docrep/003/w3613p/w3613p00.htm>

O papel das mulheres no combate à insegurança alimentar: um estudo de caso na sociedade Felupe da Guiné-Bissau.

da dieta, da informação e das opções culturais (hábitos alimentares) dos seres humanos (Sanches, 2003:5)¹¹.

Segurança alimentar existe quando todas as pessoas, a qualquer momento, têm acesso físico e económico a alimentos nutritivos, seguros e suficientes para satisfazer suas necessidades dietéticas e preferências alimentares para uma vida activa e saudável. Para obter segurança alimentar, todos os seus componentes devem estar realizados. São eles: disponibilidade, estabilidade, acesso e utilização.

(Declaração de Roma Sobre a Segurança Alimentar Mundial e Plano de Acção da Cimeira Mundial da Alimentação, 1996:4)¹².

Perante os entendimentos face ao conceito de segurança alimentar, consolida-se também o conceito de segurança alimentar domiciliar onde estão presentes não só o princípio de segurança alimentar entendido como oferta e acesso à alimentação de qualidade, mas também a assistência básica à saúde (abastecimento de água, saneamento, saúde pública) e ainda o cuidado provido no lar aos membros da família (carinho, atenção, preparo do alimento, aleitamento materno, estimulação psicossocial, informação, apoio educacional) (Bock, 2009:23).¹³

Por existir um maior reconhecimento da importância da segurança alimentar, muitas medidas têm sido tomadas: Na Cimeira Mundial da Alimentação de 1996, por exemplo, o direito à alimentação foi apresentado como um dever moral e deveria fazer parte da legislação nacional e internacional, esta medida levou a que mais de vinte países tenham o direito à alimentação nas suas Constituições.¹⁴ Como escreve Valente (2002):

A segurança alimentar e nutricional trata exactamente de como uma sociedade organizada, por meios de políticas públicas, de responsabilidades do Estado e da sociedade como um todo, pode e deve garantir o direito à alimentação a todos os cidadãos. Assim, alimentação é um direito do cidadão, e a segurança alimentar e nutricional para todos é um dever do Estado e responsabilidade da sociedade (Valente, 2002:20).

¹¹ Ver também “Estado e segurança alimentar: alcances e limitações de políticas públicas no Brasil” (disponível em <http://revistaseletronicas.puocs.br/ojs/index.php/fass/article/viewFile/2322/3251>).

¹² Disponível em <http://www.fao.org/docrep/003/w3613p/w3613p00.htm>

¹³ Ver também Sanches (2003).

¹⁴ Disponível em <http://www.fao.org/docrep/003/w3613p/w3613p00.htm>. Ver também Jornal Oficial da União Europeia (Cimeira Mundial da Alimentação das Nações Unidas), disponível em <http://eur-lex.europa.eu/LexUriServ/LexUriServ.do?uri=OJ:C:2003:271E:0572:0576:PT:PDF>, FAO (2002) <http://www.fao.org/spanish/newsroom/news/2002/5500-es.html>, Sanches (2003) e Bock (2009).

Uma vez que a segurança alimentar e o direito à alimentação passa a ser um direito humano, (...) *”É responsabilidade dos estados nacionais assegurarem este direito e devem fazê-lo em obrigatória articulação com a sociedade civil, dentro das formas possíveis para exercê-lo”* (Maluf, 2000:4).

Deste modo, o Estado deve agir directamente protegendo-o quando se verificarem diminuições de produção, catástrofes naturais, desemprego, etc. O Estado deve também agir na promoção destes direitos, promovendo o aumento do poder da população sobre a sua própria vida, a cidadania, a educação, a autonomia. Quanto ao papel da sociedade civil, esta deve ser o mediador das diferentes instituições que agem em complementaridade com o Estado (Sanches, 2003:6).

No entanto, apesar do maior entendimento face ao conceito, e dos esforços das organizações internacionais e dos Estados, a segurança alimentar de todos os povos é ainda ilusória. Em Dezembro de 2008, a FAO afirmou que as populações pobres das áreas urbanas, as famílias chefiadas por mulheres e as crianças, seriam as que sentiriam com mais impacto os efeitos da crise dos cereais¹⁵, sendo as mais afectadas pela escassez de alimentos. Segundo os dados do relatório, contavam-se já 907 milhões de pessoas desnutridas em todo o mundo, sendo que a grande maioria vivia nos países em vias de desenvolvimento (FAO, 2008:3-7)¹⁶.

Estima-se que um quarto da população que sofre de fome no mundo em desenvolvimento viva em África, sendo a África subsariana a região no mundo onde a insegurança alimentar é mais forte (FAO, 2010:2)¹⁷. A FAO estima ainda que os preços dos alimentos permanecerão altos nos próximos anos, comprometendo deste modo a segurança alimentar dos mais pobres. Esta será ainda agravada pela crise económica, que por consequência origina a escassez de emprego, de renda, a restrição ao crédito e leva também ao desincentivo do investimento agrícola (FAO, 2009:1-2)¹⁸.

¹⁵ Entre 2007-2008, teve lugar a chamada “crise dos cereais”. Muitos autores como (Diouf 2008, Sachs 2008, Schwarz 2008, Marouelli 2009) têm tentado apresentar as causas para a crise dos alimentos. Defendem que esta foi provocada por vários factores como, mudanças climáticas, aumento do preço do petróleo, utilização de alimentos para os biocombustíveis, os elevados custos exigidos na produção agrícola, como é o exemplo das sementes e dos fertilizantes.

¹⁶ <http://www.fao.org/docrep/011/i0100e/i0100e00.htm>.

¹⁷ <http://www.fao.org/publications/sofi/en/>.

¹⁸ Disponível em <http://www.rlc.fao.org/pr/prensa/coms/2009/02.pdf>.

O papel das mulheres no combate à insegurança alimentar: um estudo de caso na sociedade Felupe da Guiné-Bissau.

O conceito de segurança alimentar no contexto africano

O conceito de segurança alimentar é um conceito multifacetado, que engloba várias questões nomeadamente a disponibilidade dos alimentos, o acesso aos alimentos e a capacidade de cada país encontrar soluções para se tornar soberano em matéria de produção de alimentos. Em África, a segurança alimentar está longe de ser uma realidade: os países africanos lutam ainda por assegurar o acesso de grande parte da população a alimentos suficientes para uma vida saudável.

No continente africano, a segurança alimentar continua a estar muito ligada com a produção agrícola, isto é, com o conceito de soberania alimentar. Isto porque continua a ser através da agricultura que grande parte das famílias continua a assegurar a sua segurança alimentar. As outras actividades ainda não geram rendimentos suficientes para permitir a grande parte das populações adquirirem os bens alimentares que necessitam. Isto é sobretudo verdade no caso das sociedades rurais, como as em estudo neste trabalho, sendo que o crescimento da população urbana remete mais para a preocupação com o acesso e a qualidade do que com a produção.

A agricultura em África é uma actividade que conta com uma grande presença feminina, sendo que mais de 80% dos agricultores são mulheres. Estas desempenham um papel fundamental na garantia da segurança alimentar das famílias, pois têm um importante papel na produção e venda dos produtos e são elas as responsáveis pela produção de aproximadamente 50% dos alimentos (RUSIC - O Projecto do Milénio da ONU).¹⁹

O tipo de agricultura praticada é maioritariamente de subsistência, caracterizada por sistemas de produção diversificados mas sob pressão constante devido à degradação dos solos, ao uso de técnicas tradicionais, às mudanças climáticas que fazem com que o regime das chuvas seja cada vez mais reduzido e ao êxodo rural e migrações internacionais.

Aos constrangimentos a nível local que o sector agrícola dos países africanos enfrenta juntam-se ainda constrangimentos a nível internacional: os agricultores africanos pagam elevados preços pelos fertilizantes, entre três e seis vezes mais do que realmente custam no mercado mundial; as regras do comércio internacional, estabelecido numa óptica neoliberal, privilegiam os países do Norte e as políticas de liberalização das economias incrementaram a vulnerabilidade dos mercados dos países do Sul. Estes factores contribuem para a diminuição da produção, o que aumenta os riscos para a segurança alimentar.

¹⁹ <http://www.unric.org/html/portuguese/uninfo/MDGs/millenniumproject4.html>.

Ver também Desafios e oportunidades para a agricultura e a Segurança Alimentar na África, disponível em <https://www.fao.org.br/download/mat5P.pdf>.

O papel das mulheres no combate à insegurança alimentar: um estudo de caso na sociedade Felupe da Guiné-Bissau.

A segurança alimentar na Guiné-Bissau e na sociedade felupe

A República da Guiné-Bissau tem vivido num clima de constante instabilidade político-militar o que leva à debilidade das suas instituições públicas e à degradação do nível de vida da população. A estas crises sociopolíticas juntam-se ainda problemas de natureza ambiental relacionados com as mudanças climáticas e o declínio populacional, entre outros. Estes vários constrangimentos agravam e originam múltiplas carências, especialmente no domínio da segurança alimentar.

Grande parte das famílias guineenses garante a sua segurança alimentar através da agricultura de subsistência familiar, que não só tem um papel fundamental como garante de segurança alimentar como também é uma fonte de rendimentos adicionais quando comercializados os produtos agrícolas. No entanto, as alterações climáticas, nomeadamente a alteração do regime de chuvas, o êxodo rural e as migrações internacionais e a diminuição da mão-de-obra disponível para os trabalhos agrícolas, têm tido impactos negativos nos sistemas agrários que a falta de investimento e apoio público na agricultura têm acentuado.

Os felupes, apesar de enfrentarem de uma forma ou de outra todos os constrangimentos referidos, que têm ameaçado a sua segurança alimentar, não se consideram em risco. Um informante questionado sobre as dificuldades que certos países enfrentam, perguntou-nos:

Há gente que morre de fome nestes países? Então são mais pobres que nós. Nós vamos ao mato e há sempre alguma coisa para comer.

(Entrevista de Campo, Suzana, Dezembro de 2009)

Este comentário revela que para os felupes a segurança alimentar está longe de ser entendida tal como o conceito é definido pelas organizações internacionais. O que não quer dizer, tal como nos relevaram em entrevistas, que os felupes não tenham consciência das dificuldades que enfrentam ao nível da produção agrícola e também das dificuldades decorrentes da instabilidade política e dos problemas económicos do país.

De qualquer modo, o conceito de «segurança alimentar» deve aqui ser entendido de acordo com a realidade da sociedade em estudo. Desta forma não se prende aqui tanto com o acesso a quantidades suficientes de alimentos nem com a responsabilidade do Estado em garanti-la, mas com a capacidade dos indivíduos de uma determinada família de produzir os

O papel das mulheres no combate à insegurança alimentar: um estudo de caso na sociedade Felupe da Guiné-Bissau.

bens alimentares suficientes a fim de satisfazerem as suas necessidades alimentares ainda que complementado por outras actividades. No caso de terem de enfrentar situações adversas, e no actual cenário da Guiné-Bissau, só as famílias poderão encontrar soluções de modo a conseguirem ultrapassá-las.

Assim, a disponibilidade de alimentos é garantida por meio do trabalho dos membros da família na produção agrícola e, em períodos difíceis em que a disponibilidade de mão-de-obra é escassa ou em que a produção se torna mais difícil, a segurança alimentar será determinada pelas estratégias adoptadas pela sociedade para superar os problemas. São estas estratégias desenvolvidas para superar os constrangimentos actuais que têm colocado a segurança alimentar dos felupes em risco, nomeadamente as desenvolvidas pelas mulheres, que serão evidenciadas ao longo deste trabalho.

O papel das mulheres no combate à insegurança alimentar: um estudo de caso na sociedade Felupe da Guiné-Bissau.

CAPÍTULO II – A ORGANIZAÇÃO DA SOCIEDADE FELUPE E A IMPORTÂNCIA DO ARROZ

Neste capítulo começa-se por fazer a caracterização administrativa da Guiné-Bissau, até chegar à região de Cacheu, nomeadamente ao sector de São Domingos e à secção de Suzana, zona de sedentarização felupe. Faz-se uma caracterização da sociedade felupe para se poder compreender melhor a sua organização social e económica, para se perceber o papel das mulheres na organização social e também para se poder compreender a centralidade do arroz nesta sociedade.

São abordados os temas da religião e a sua importância central na sociedade felupe e na organização do poder, do secretismo e de como esta característica regula a forma de se viver em sociedade e as relações entre homens e mulheres. Por fim, a importância do arroz na sociedade felupe, a ligação deste elemento à dimensão religiosa e a sua importância na identidade dos felupes, como sustento económico e pilar da segurança alimentar.

Organização do espaço e administração local.

A Guiné-Bissau está dividida em oito regiões administrativas (Bafatá, Biombo, Bolama/Bijagós, Cacheu, Gabú, Oio, Quinara e Tombali) e um sector autónomo (Bissau). Cada região subdivide-se em sectores, que têm um administrador, e estes subdividem-se em secções que têm um secretário e um administrador. As secções, por sua vez, reúnem diversas tabancas e em cada tabanca existem vários bairros formados por diversas moranças. São Domingos, um dos locais onde se realizou o trabalho de campo, é um dos sectores administrativos da região de Cacheu, sendo Suzana, onde também realizámos as nossas pesquisas, uma secção do sector de São Domingos.

A cidade de Suzana está dividida em sete bairros, cuja particularidade é a tendência para serem constituídos por moradores de uma mesma crença religiosa. Assim, o bairro Santa Maria é formado por felupes católicos e os bairros de Kugel, Bukekelil e Katana albergam apenas felupes tradicionais²⁰. Contudo, como foi possível verificar, estas separações não são estanques; no bairro Fulacunda, que é constituído na sua maioria por muçulmanos, também se podem encontrar cristãos e habitantes das etnias Manjaca, Mancanha e Fula; por sua vez, os bairros Manhodjagu e Nhacun são constituídos por felupes católicos e felupes tradicionais. Os

²⁰ Felupes tradicionais são aqueles que seguem a religião e costumes tradicionais.

O papel das mulheres no combate à insegurança alimentar: um estudo de caso na sociedade Felupe da Guiné-Bissau.

bairros Kugel, Bukekelil e Katana albergam apenas felupes tradicionais. Cada um dos sete bairros tem pelo menos um comité, estes comités de bairro são regulados pelo comité dos comités também designados como comité de secção. Este encontra-se actualmente no bairro de Santa Maria.²¹

As tabancas representam o menor e o mais tradicional espaço administrativo do país. Actualmente, numa tabanca, podemos encontrar uma miscigenação não só de vários grupos étnicos como também de pessoas de diferentes denominações religiosas, o que já é possível verificar-se entre os felupes. Tal como os bairros, cada uma delas possui um “comité”²² que não só representa o Estado a nível local como também é o intermediário entre a tabanca e o Estado. O comité é eleito de oito em oito anos²³, actualmente a nível local, independentemente do partido, realidade muito diferente se recuarmos uns anos atrás, onde os comités não eram apenas representantes do governo local como também do partido.

As suas principais actividades prendem-se com a resolução de problemas e conflitos que possam surgir com o uso da terra, nas diversas associações, como as das mulheres e jovens e problemas de vizinhança, por exemplo, muito comuns uma vez que as tabancas já não são formadas apenas por pessoas do mesmo grupo étnico. Assim, a nível de local, o comité pode ser bastante importante porque geralmente permite à população destas zonas a resolução mais rápida dos seus problemas, o que poderia não acontecer se, para tal, estivessem dependentes do governo central.

O grupo Joola²⁴

A sociedade felupe está enquadrada dentro de um grupo maior, o grupo Joola, que está fixada entre o Senegal e a Guiné-Bissau, na região mais oeste de Casamança, entre a Gâmbia e o rio Cacheu. Não se sabe exactamente a origem dos Joola. Molefi Assante, na Encyclopedia of African Religion afirma:

The Diola (also called jola) are an African people found in the area of Senegal, Gambia, and Guinea-Bissau. It is believed that the Diola migrated to the Casamance region of Senegal during the 11th and 12th centuries in an effort to escape the increasing Islamic jihads. (...)

²¹ Existe uma relação hierárquica entre os vários comités criados; Comités de Região, Comités de Sector, Comités de Secção e Comités de tabanca. Para uma melhor compreensão consultar, Bayan (2011: 66-67).

²² O Comité refere-se a uma pessoa.

²³ Formalmente existe uma eleição de 8 em 8 anos e só é mudado o comité se houver críticas por parte da população quanto a actuação deste. Assim sendo grande parte dos comités eleitos na altura da independência continuam até aos dias de hoje, salvo aqueles que já faleceram.

²⁴ É inserido um mapa da região do grupo Joola no final do subcapítulo, de forma a visualizar melhor o território.

O papel das mulheres no combate à insegurança alimentar: um estudo de caso na sociedade Felupe da Guiné-Bissau.

The Dioula are a West African people who are most closely associated with Côte d'Ivoire but were also common to Mali, Togo, and other parts of West Africa

(Asante, 2008:203-204).

Pélissier confirma que a presença desta etnia é antiga mas defende que estes são oriundos do sul (Pélissier, 1966:657). A presença dos Joola nesta região no século XV é evidenciada por Linares que afirma que estes estariam concentrados ao sul do Rio Casamança, tendo depois dispersado para norte entre os séculos XV e XVII (Linares, 1992:84-89).

Jordi Tomàs descreve a localização dos Joolas entre a região situada entre os rios Gambia e Cacheu, ocupando a região da Baixa-Casamança e uma pequena faixa de terra Gambiana ao norte; na Guiné-Bissau estes ocupam a faixa sul (Tomàs, 2001:131).

No que se refere à heterogeneidade dos Joolas, Journet-Diallo (1997) refere: *Ces populations sont organisées en plusieurs groupes que distinguent leurs variantes linguistiques et culturelles* (Journet-Diallo, 1997:81-82).

Esta diversidade é também exposta por Tomàs (2005),

Os Joola não são um grupo homogêneo nem em termos linguísticos ou históricos, nem políticos ou religiosos. Existem uma dezena de subgrupos que habitam principalmente a zona da Baixa Casamança mas também a alta Casamança, na zona de Kolda, na Gâmbia e na Guiné-Bissau. A população total soma cerca de 700.000 pessoas (Tomàs, 2005:85).

O autor de “*La identitat ètnica entre els joola d'Oussouye*” menciona ainda três subgrupos do grande grupo joola: joola-húluf, joola-esulaalu e joola-ajamaat²⁵ (Tomàs, 2005:83-88).

A divisão dos Joolas em três grupos é também evidenciada por Dujarric (1993), distinguindo os Joola da margem sul do rio Casamance, os Joola da margem norte do rio Casamance e os Joolas da parte leste de Casamança:

²⁵ Os Joola-ajamaat, são o subgrupo estudado nesta tese mas durante o presente trabalho utilizarei sempre a designação dada a este grupo pelos portugueses, “Felupe”.

O papel das mulheres no combate à insegurança alimentar: um estudo de caso na sociedade Felupe da Guiné-Bissau.

- i)- O primeiro grupo está localizado na zona de Oussouye, Ziguinchor e Guiné-Bissau até São Domingos - são animistas, cultivam em bolanha salgada com trabalho dividido por homens e mulheres.
- ii)- O segundo grupo está fixado a norte de Casamança e Gâmbia – estão islamizados, têm a mesma organização social de trabalho, mas o caju e o amendoim também fazem parte das culturas cultivadas.
- iii)- O terceiro grupo encontra-se na região de Kolda a norte da Guiné-Bissau e a leste de São Domingos) - são também islamizados, cabe às mulheres o cultivo do arroz e aos homens o cultivo do caju e também têm uma hierarquização social (Dujarric, 1993:154).

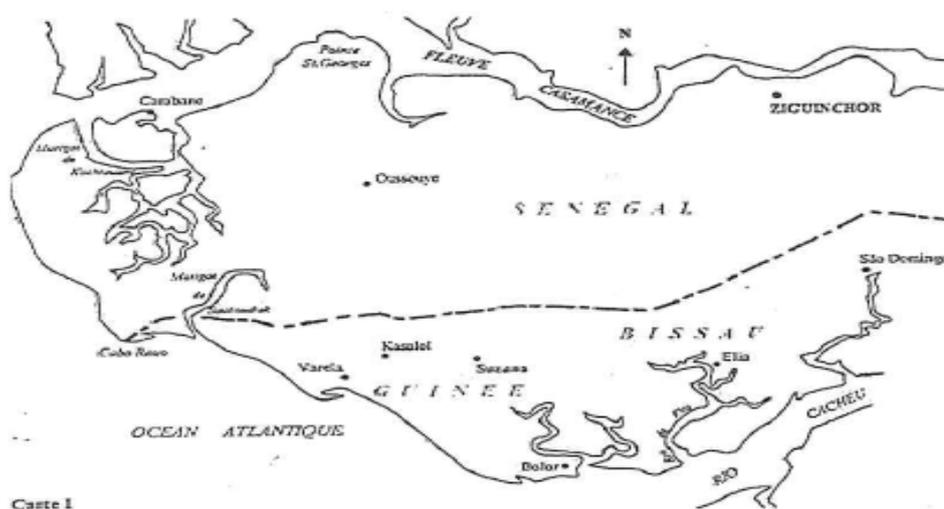


Figura 1: Mapa da região do grupo Joola²⁶.

Os Felupes

Os felupes fazem parte do grande grupo Joola e, devido à sua localização, foram eles que mais contacto tiveram com os portugueses. Em 1960, Artur Augusto da Silva descreveu a localização dos felupes, dizendo que estes se estendiam desde o rio Gâmbia até ao sul do rio Cacheu e viviam na costa junto aos inúmeros esteiros e riachos que cortam a Senegâmbia e a região de Suzana-Varela. Silva aprofunda a descrição do chão felupe descrevendo-o:

²⁶ Fonte Julliard, 1997:113.

O papel das mulheres no combate à insegurança alimentar: um estudo de caso na sociedade Felupe da Guiné-Bissau.

Ao norte, uma linha recta à distância de cerca de seis quilómetros da margem sul do rio Gâmbia até encontrar, a Este uma linha recta que parte da foz do rio Songrougrou. Aí, desce o rio Casamança até cerca de 5 quilómetros para além de Ziguinchor, onde inflecte novamente para Oeste até próximo da povoação de S. Domingos, acompanhando a Sul, o rio Cacheu até a sua foz. A Oeste, essa região é limitada pelo Atlântico. Ao sul do rio Caheu, encontramos somente três povoações felupes: Botê (105 habitantes), Cachelame (40 habitantes), e Ucó (72 habitantes) (Silva, 1983: 160-163).

Na descrição de Taborda os felupes ocupavam

...dentro do território português toda a faixa do litoral que vai do Cabo Roxo à ponta de Bolor e daí segue o esteiro que passa por Ossor, Lala e Arame e sai pela fronteira próximo do marco número 174. Tem uma superfície aproximadamente de 320 quilómetros quadrados e uma população computada em cerca de oito mil almas, distribuída pelas seguintes povoações: Suzana, Bugim, Ejatem, Cassalol, Caruai, Basseor, Tenhate, Sucujaque, Varela, Catão, Jufunco, Igim, Lala, Ossor e Bolor (Taborda, 1950:190).

Ainda dentro do subgrupo felupe é possível encontrar outros grupos: os *cadjamtai*²⁷ (são felupes da Guiné-Bissau, fixados a norte do rio Cacheu), os *calupaco*²⁸ (são felupes também situados no território guineense na região de Suzana-Varela) e os *caciquenei*²⁹ constituídos pelos baiotes (fixados em Casamança, no Senegal) (Silva, 1983:165-166). Em 1950, Taborda já tinha escrito sobre os baiotes, localizando-os juntamente com os felupes em Suzana, e que sendo desconhecida a data exacta da fixação deste povo, afirma que deverá ter ocorrido há muitos séculos.

A subdivisão dos felupes é também evidenciada por Taborda que indica que esta terá começado pela fixação destes em três grupos distintos:

- o primeiro grupo no território situado na margem direita do esteiro de Cassalol,
- o segundo grupo no território que vai de Varela até a margem do rio Sucujaque
- e o terceiro grupo, dos quais fazem parte os baiotes, nos terrenos onde estavam as povoações de Elia e Arame (Taborda, 1950:187).

²⁷ Grafia utilizada por Silva, 1983.

²⁸ Idem.

²⁹ Ibidem.

Mesmo estando os joolas e os felupes divididos entre a Guiné-Bissau e o Senegal, os felupes consideram-se um só povo, como me foi possível verificar numa das entrevistas em São Domingos quando um jovem afirmou: *podemos ser poucos na Guiné mas todos juntos somos muitos, o que nos separa é a fronteira* (entrevista de campo, São Domingos, Novembro de 2009). Taborda põe em evidência este sentimento de pertença ao mesmo grupo, tanto felupes como baiotes consideram-se parte do grupo joola, afirmando que todo o baiote fala o dialecto felupe e todos os subgrupos consideram-se Joolas. No entanto, demonstra que entre os Joolas existe a distinção entre *Kacikenei*³⁰ - considerados homens do porto, que são os baiotes, e *Kajamutako*³¹ - considerados homens do mato, constituídos pelos Felupes (Taborda, 1950:190).

Apesar desta distinção dos termos, as características inerentes ao grupo mantêm-se, o que permite a ligação e, conseqüentemente, a unidade dentro do grupo joola. A base da sua economia é idêntica, dedicando-se ao cultivo do arroz, à extracção de óleo e vinho de palma. O arroz é um elemento muito importante na cultura Joola, por constituir a base da sua alimentação e também por ser um elemento carregado de simbologia. Em termos linguísticos, falam a mesma língua, denominada como “joola”, existindo, no entanto, várias variantes. Na estrutura social, a divisão social é feita em função de grupos de idades. Politicamente organizam-se de forma semelhante, por conselho de chefes de linhagem e ainda no plano religioso, os Joolas mantêm a crença numa só entidade suprema inacessível pelos humanos (Tomàs, 2001:131-132).

Os felupes foram sempre considerados uma etnia fechada e muito resistente a influências exteriores, como foi evidenciado por Carlos Lehmann de Almeida (1955): *entre todos os grupos étnicos da Guiné-Bissau os felupes foram os que se mostraram mais resistentes na aceitação dos costumes portugueses. O facto de emigrarem muito raramente e não permitirem a fixação de outras etnias no seu território contribuía também para serem pouco influenciados com hábitos estranhos à sua cultura* (Almeida, 1955:618).

Taborda (1950) caracterizou os felupes como sendo pouco preocupados em alterar os seus usos e costumes para se aproximarem da “civilização”, tendo sido considerados talvez o grupo étnico que mais tempo levaria a “evoluir”, uma vez que adoptavam muito poucos

³⁰ Grafia utilizada por Taborda, 1950.

³¹ Idem.

O papel das mulheres no combate à insegurança alimentar: um estudo de caso na sociedade Felupe da Guiné-Bissau.

costumes portugueses (Taborda, 1950:558). Também foram assim criticados pelo facto de não obedecerem a estruturas de organização social e políticas iguais às das sociedades ocidentais.

(...) para satisfazer as autoridades europeias que não compreendem a possibilidade de se viver sem um chefe, os felupes designam um, mas os seus poderes são nulos e ele só serve de intermediário entre as autoridades e o seu povo... (Silva, 1960:22- 23).

De facto, a sociedade felupe tem sido caracterizada como sendo uma sociedade “acéfala”, onde o poder não é centralizado, em que a existência de estatutos sociais é quase nula e ainda onde não existem padrões de riqueza ou pobreza, considerando-se todo o felupe igual.

A igualdade de situação económica dos Felupes-não há ricos nem pobres (...) Daí uma igualdade absoluta entre todos os homens (...) (Silva, 1960:22- 23).

Semelhante opinião tem Pélissier (1958), que descreveu as sociedades joolas como uma sociedade composta de homens socialmente livres, completamente alheios a qualquer organização política habitual (Pélissier, 1958:2). No entanto, existe uma estrutura social organizada a nível familiar e orientada pela linha do pai, em que este é o respectivo chefe. Os felupes são acusados de não distinguirem os pobres dos ricos, mas no entanto isso não quererá dizer que não têm noção dos padrões de riqueza ou pobreza, como afirma Taborda (1950), os felupes têm a tendência para esconderem as suas verdadeiras posses, isto acontece porque se apercebem que se mostrarem serem possuidores de grandes quantidades de arroz e gado, adquirem maior prestígio no meio em que vivem (Taborda, 1950:574).

Rico para os felupes é aquele que tem muito arroz de bolanha e não aquele que tem muito dinheiro.

(Entrevista de Campo, tabanca de Três Quilómetros, Novembro de 2009).

Religião e organização do poder na sociedade felupe

A religião joola denomina-se *Awaseema*, os joolas crêem na existência de um Deus, *Emit Ai*, a origem de tudo, criador dos homens e dos animais. É um Deus que comunica com os humanos mas não de forma directa, daí a importância dos sacerdotes e dos *bakins*³². A única maneira que os humanos têm para “comunicarem” com Deus é através dos sacerdotes,

³² Plural-Ukìn, singular-Bakìn.

O papel das mulheres no combate à insegurança alimentar: um estudo de caso na sociedade Felupe da Guiné-Bissau.

que não comunicam directamente com *Emit Ai*, mas que o fazem através de seres espirituais. Silva (1960) identifica estes seres espirituais como “deuses”, “génios” e “antepassados” (Silva, 1960:17-19).

A religião está presente em todas as esferas da vida dos felupes e, por esta razão, para cada acontecimento da vida, existem altares, *ukìn*, específicos. Tomàs (2005) refere a importância destes altares não só a nível religioso como também identificadores da tradição e ainda devido à sua dimensão político-social. Cada altar, *bakìn* tem a sua história e tradição, são ainda modelos de divisões sociais, espaços de resoluções sociais e políticas. Como é o exemplo do que se passa nos altares femininos, onde são discutidas questões que implicam a mulher e onde se decide quais podem participar. O autor aponta também a função reguladora de acções e comportamentos dos membros da comunidade, através de normas e proibições a que cada altar está associado e por sua vez estes reguladores de comportamento são sustentados por uma força invisível que é *Emit ai* (Tomàs, 2005:259-268).

Silva (1960) afirma que na organização felupe a ausência de um poder civil é motivo de espanto para um ocidental, uma vez que se baseia na tradição e no poder religioso e ainda no poder místico que alguns homens usufruem (Silva, 1960:21). É o caso das figuras do rei - *Áy*, do ancião, do antepassado e do sacerdote. Tomàs (2005) aponta três esferas de acção que os reis joolas detêm para concretizarem as suas funções tanto a nível social como cósmica: Na esfera económica, o *Áy* é o redistribuidor, portanto deve dar arroz, vinho ou óleo de palma a quem lhe pedir; na esfera judicial, o *Áy* deve ser o conselheiro, de forma a garantir a ordem entre as pessoas e as famílias; na esfera religiosa, o *Áy* deve orar por cada membro do seu reino. O *Áy* é uma grande referência cósmica, *Emit ai*, significa Deus é rei, esta relação faz uma referência imediata ao poder do rei sobretudo em termos cosmológicos, revela a sua força absoluta, a sua capacidade integradora, o seu significado de compreensão vital e unidade cósmica.

O *Áy* tem uma importante função simbólica, pois é o intermediário entre o mundo visível (os humanos, a natureza, os fenómenos naturais) e o mundo invisível (Deus, os antepassados, a força). O seu carácter secreto e sagrado leva a que a sua escolha e a sua morte estejam ligadas a um mistério. Para os joolas o rei nunca morre, ele “vai-se”. Esta característica secreta/sagrada dos reis joolas confere-lhe certas proibições como as de não poder comer, beber ou dormir em público, nem poder exercer qualquer actividade económica.

A expressão *huhaanelatijootijoo*, dá conta dessa realidade, significando que o poder tem os seus limites, como o rei, detentor de vários deveres e proibições e de poucos

O papel das mulheres no combate à insegurança alimentar: um estudo de caso na sociedade Felupe da Guiné-Bissau.

privilégios.³³ Em caso de ausência do rei, é o régulo tradicional que o substitui, como actualmente no caso de Suzana. Os suzanenses vivem um período de ausência de rei (inter-reinos), o último rei faleceu em 1958, sendo o régulo tradicional, Albuncai Sanhá, quem o substitui.

No seu papel de régulo, Albuncai Sanhá tem como tarefa, juntamente com o comité, a resolução dos problemas do quotidiano da comunidade. O régulo e o rei desempenham funções semelhantes, no entanto existem restrições nas funções de um e outro, existem decisões que só o régulo pode tomar assim como existem cerimónias que só o rei pode realizar.³⁴

O rei de Kerouhey, é o rei de todos os Joolas e assim como Suzana, Kerouhey também encontra-se sem rei desde 2002, só após Kerouhey receber um rei, poderá existir rei em Suzana. As mulheres do rei que casam com ele durante o seu reinado são das mulheres felupes mais privilegiadas: não cozinham, não trabalham na bolanha, não vão buscar água ao poço. Só a mulher da sua juventude, aquela que já tinha antes de se tornar rei é que trabalha.

A ausência de rei poderá ser um factor que contribui também para a insegurança alimentar, uma vez que quando não existe rei as terras sagradas não podem ser cultivadas, e quando isso acontece por longos períodos de tempo esta situação pode levar a crise. Mas para existir rei, *Emit ai*, através dos homens grandes, tem de indicar a pessoa certa.

Sou régulo porque os homens grandes me escolheram, acreditamos que foi Deus que me escolheu. Os homens grandes me ensinaram como deveria agir e as minhas funções. No ano passado fui ao Senegal resolver um assunto sobre o problema de fronteiras e foi o próprio estado senegalês que me chamou, isso significa que reconhecem a autoridade do régulo e o estado da Guiné também reconhece.

(Albuncai Sanha, Entrevista de campo, Suzana, Dezembro de 2009).

Os anciãos ou Homens Grandes são dotados de grandes responsabilidades e privilégios, tanto que Silva (1960) afirma ser no meio destes que se pode encontrar alguns indícios de poder civil (Silva, 1960:23). Reúnem-se para discutir assuntos relacionados com a aldeia e as suas responsabilidades vão desde a decisão de permitir a entrada e fixação de estrangeiros na aldeia, como também de emprestar ou não fracções de terra a famílias imigrantes. Têm também um importante papel na conservação do culto aos antepassados.

³³ Ver Tomàs 2001.

³⁴ Para uma melhor compreensão sobre as funções, restrições do rei e do régulo ver Bayan (2011:52-61).

O papel das mulheres no combate à insegurança alimentar: um estudo de caso na sociedade Felupe da Guiné-Bissau.

Os antepassados têm uma posição privilegiada na relação hierárquica entre as famílias fundadoras de uma aldeia, já que estas são formadas por várias linhagens e cada linhagem tem as suas bolanhas e os seus próprios *ukìn*. Porém, existe um *bakìn* principal, um para os homens e outro para as mulheres, estes desempenham um papel fundamental, pois são “palcos” de importantes acontecimentos das sociedades joolas, como a iniciação dos jovens e reuniões secretas referentes a assuntos internos da comunidade.³⁵ A importância dos antepassados para os felupes é evidenciada também por Silva:

Os Homens fazem parte, simultaneamente, da organização familiar e das respectivas classes de idade e têm de cumprir, digamos religiosamente, as normas costumeiras que regem os respectivos grupos. O costume foi instituído por aqueles que já morreram e, daí, o seu carácter sagrado. Ai daquele que ouse violá-lo; a cólera dos antepassados desabaria sobre ele e sobre o seu grupo... (Silva, 1983:174).

Em suma, apesar de existir a figura do Estado na sociedade felupe, o poder tradicional exercido pelo rei/régulo e ainda pelo conselho dos homens grandes, assume uma grande importância para os felupes, tanto que grande parte dos problemas são resolvidos por aqueles que detêm o poder tradicional. Só em último caso é que se procura uma intervenção a nível do Estado. Contudo, existe uma correlação entre o poder de Estado e o poder tradicional.

As iniciações e o secretismo

A sociedade felupe é muito fechada, com muitos segredos, existem coisas que não podem ser faladas, só os iniciados sabem certas coisas.

(Entrevista de campo, São Domingos, Novembro de 2009).

As mulheres não devem saber nada sobre a iniciação masculina, pois é um “conhecimento secreto”, assim todo o processo de iniciação deve ser mantido em sigilo. Os iniciados ficam isolados por três meses no bosque sagrado, lugar interdito às mulheres que podem apenas aproximar-se até um certo ponto. As comidas preparadas pelas mulheres para os iniciados e para os seus parentes são levadas por outros homens (Davidson, 2007:174).

³⁵ Para uma melhor compreensão relativamente a importância dos altares ver Tomàs (2005).

O papel das mulheres no combate à insegurança alimentar: um estudo de caso na sociedade Felupe da Guiné-Bissau.

Normalmente, nas tabancas existem casas para a maternidade, as mulheres ficam isoladas dos maridos e este período é o único em que as mulheres não trabalham, as mulheres felupes trabalham muito e até muito tarde mesmo quando já são muito velhas.

(Entrevista de campo, São Domingos, Novembro de 2009)

Para os felupes, tanto homens como mulheres devem desconhecer as particularidades dos ritos de iniciação do sexo oposto. O nascimento é algo que só deve ser compartilhado entre mulheres que já são mães. O parto é assistido pelas mulheres mais velhas e realizado em casas cercadas por palmeiras altas, em locais isolados, fora do alcance dos homens e mulheres não iniciadas, aquelas que ainda não deram à luz.

Após o nascimento, as mulheres não voltam logo para a casa do marido, normalmente ficam em casa de uma mulher mais velha até que o cordão umbilical caia. Tudo porque o homem não deve conhecer o processo do parto, se este vir o cordão umbilical pode querer saber mais sobre os “segredos do nascimento” (Davidson, 2007:84)³⁶.

Este secretismo não é apenas estabelecido entre o sexo oposto, ele é vivido dentro do próprio sexo: o homem ou a mulher que não sejam iniciados deverão desconhecer os processos relativos à iniciação. Assim como a circuncisão representa para os homens o início da vida adulta, o parto tem o mesmo valor para as mulheres. Estas duas iniciações são bastante importantes na vida dos homens e mulheres felupes, pois é o que os torna adultos e lhes permite participar em reuniões onde são abordados temas referentes ao quotidiano da comunidade.

Silva (1960) realça o valor das iniciações, afirmando que estas têm como objectivo proporcionar as bases essenciais da vida da comunidade, uma vez que só a partir destas é que o felupe passa a fazer efectivamente parte do grupo. Antes de ser iniciado o felupe não usufrui de qualquer direito, a sua utilidade prende-se com o serviço da comunidade (Silva, 1960:22).

A construção da casa – *Elluup ai* - é um bom exemplo. Este rito é bastante importante, como afirma Davidson (2007), “...construir uma casa é, talvez, para o homem, um dos ritos mais importantes da vida adulta...”(Davidson, 2007:36). A construção de uma casa marca o início da sua vida adulta porque o jovem constrói a casa quando atinge a idade do casamento. Ao longo da sua vida o homem passa por várias iniciações. A da circuncisão, que acontece de 30 em 30 anos, é realizada no bosque sagrado secreto que os distinguirá dos não iniciados (Taborda, 1950:204).

³⁶ Ver ainda Taborda (1950:531-532) e também Almeida (1955:631).

O papel das mulheres no combate à insegurança alimentar: um estudo de caso na sociedade Felupe da Guiné-Bissau.

Tomàs (2005) refere-se ao carácter religioso das iniciações, bem como ao seu objectivo integrador, socializador e a sua vertente política. A entrada no mundo dos adultos permite entrar em lugares de decisões e usufruir do privilégio de dar opiniões em decisões políticas e sociais (Tomàs, 2005:270). Como refere Thomas (1966), as iniciações são de extrema importância para os joolas pois representam a passagem para um estado sociológico superior, pondo assim em evidência as vantagens e obrigações que estão vinculadas a esta mudança. Dentro destes costumes existem três aspectos fundamentais: os ritos de separação, transformação e reintegração (Thomas, 1966:1).

A circuncisão é uma cerimónia muito importante para nós, voltamos a estar juntos, vejo pessoas que vêm de França só para esta cerimónia. Eu voltei para minha tabanca, em Budjim, para a circuncisão.

(Entrevista de campo, Três Quilómetros, Novembro de 2009)

Esta separação entre homens e mulheres e ainda entre membros do próprio sexo é evidenciada na existência de um altar específico para os homens e outro para as mulheres. Este desempenha um papel fundamental, pois é palco de importantes acontecimentos, como a iniciação dos jovens. A sua entrada é restrita apenas a casados e iniciados e cada um deles é reservado aos homens e às mulheres, respectivamente. Os altares joolas são de facto um exemplo das divisões sociais que existem na sociedade, sendo o género a principal divisão.

O secretismo presente na sociedade felupe manifesta-se em várias áreas da vida e determina as relações estabelecidas entre os felupes. Apesar de ser já uma prática comum, o facto das pessoas se deslocarem para comprar arroz pode ter dois significados: por um lado, por ser mesmo necessário para a subsistência da família, uma vez que a sua produção tem sido incapaz de satisfazer as necessidades alimentares; por outro lado, é também uma forma de fazer com que os vizinhos acreditem que existe mesmo a necessidade de se comprar arroz, desviando deste modo os olhares dos mais curiosos que querem sempre saber a situação de cada família e as suas posses.

Às vezes as pessoas vão comprar arroz não porque têm necessidade de o fazer, mas porque quem compra pouco arroz é visto como se fosse rico.

(Entrevista de campo, São Domingos, Novembro de 2009)

O papel das mulheres no combate à insegurança alimentar: um estudo de caso na sociedade Felupe da Guiné-Bissau.

Os felupes fazem de tudo para manter a aparência de poucas posses, se hospedam um convidado nunca querem que este saiba quais as reais condições da família pois têm medo que o seu hóspede vá contar aos vizinhos que na casa da sua família hospedeira se come melhor do que na casa dos outros. Os felupes escondem aspectos da vida familiar, como quantas galinhas ou porcos têm, porque os vizinhos não devem saber os segredos da sua intimidade.

...Raramente entram nas casas uns dos outros, mesmo sendo parentes, amigos ou vizinhos. Caso aconteça normalmente limitam-se à parte traseira ou à sala. O celeiro fica fora destes espaços e somente a mulher tem acesso a ele (...) Arroz, por exemplo, é armazenado em uma sala separada na própria casa, fora da vista dos visitantes... (Davidson, 2007:38-157).

Como os felupes são educados desde muito cedo a serem solidários com o próximo, são obrigados a hospedar familiares na sua casa por tradição. Os motivos desta hospedagem são vários: em São Domingos, por exemplo, foi possível ter contacto com famílias numerosas porque hospedavam sobrinhos que vinham de outras tabancas para estudar. Este espírito de solidariedade foi posto também em evidência por Silva (1960), afirmando que um felupe nunca ficará com fome enquanto houver um grão de arroz na sua tabanca. Por vezes, acontece um indivíduo ou uma família não se alimentar bem por ter de partilhar a sua refeição com outra pessoa (Silva, 1960:30).

O esforço de camuflar os bens que possuem pode também ser visto como estratégia para contornar a obrigação de partilhar. Se os alimentos estiverem à vista, os vizinhos poderão pedir e, na sociedade felupe, desde pequenas que as crianças são educadas para oferecer o que têm através de jogos que envolvam o dar e o receber. Sendo assim, a única maneira de poder contornar esta imposição de partilhar é esconder os bens que realmente uma família possui (Davidson, 2007:160-162).

Esta situação pode pôr em risco a segurança alimentar de muitas famílias de São Domingos e Suzana. Conscientes desta situação os jovens rapazes, que estão em idade de construir casa, constroem-nas pequenas para evitar ter que receber hóspedes. Foi-nos possível ver esta situação em Suzana, durante a construção de uma casa.

A missão católica

Cabe aqui fazer uma nota relativamente à presença da missão católica em Suzana, Apesar de terem a religião tradicional, como referido anteriormente, é possível encontrar entre os felupes aqueles que se converteram ao catolicismo. A igreja Católica está representada em

O papel das mulheres no combate à insegurança alimentar: um estudo de caso na sociedade Felupe da Guiné-Bissau.

Suzana desde 1952, pelo Pontifício Instituto das Missões Exteriores (PIME). A Missão Católica foi fundada em Suzana pelo Padre Spartaco Marmugi, falecido em 1973 sendo o Padre Giuseppe Fumagalli, mais conhecido por Padre Zé, o dirigente da Missão Católica desde a morte do Padre Marmugi.

A missão católica desempenha várias funções de apoio à população de Suzana, católicos ou não. É o caso da máquina descascadora de arroz³⁷ que veio a facilitar muito a vida dos suzanenses, principalmente das mulheres, uma vez que o descasque de arroz é um trabalho feminino. Outro caso é o da oficina que dá trabalho a muitos homens de Suzana. A missão também tem tido um papel importante na conservação das bolanhas, na construção e manutenção dos diques e ainda no âmbito da manutenção das estradas, como é o exemplo da estrada e da ponte que liga Suzana a Varela³⁸.



Figura 2: Mulher utilizando a máquina descascadora de arroz³⁹

³⁷ A máquina descascadora de arroz facilita a vida de muitas mulheres de Suzana. No entanto, existem muitas mulheres felupes que ainda não têm acesso a este método de descasque e pilam o arroz. Segundo informações obtidas em São Domingos, os felupes não pilam grandes quantidades de arroz, fazem-no com um espaçamento de mais ou menos uma semana, conforme a necessidade. Só nas cerimónias de circuncisão é que se descasca grandes quantidades de arroz. O arroz é armazenado com casca, pois este é a riqueza dos felupes.

³⁸ Na altura do nosso trabalho de campo a ponte estava destruída. No entanto, o Padre Giuseppe F. estava a reunir condições para a reerguer.

³⁹ Fonte: Fotografia tirada durante o trabalho de campo.

O papel das mulheres no combate à insegurança alimentar: um estudo de caso na sociedade Felupe da Guiné-Bissau.

As infra-estruturas criadas pela missão católica estão todas concentradas no Bairro de Santa Maria, apesar do Padre Giuseppe F. nos informar que todos os moradores de Suzana poderiam servir-se delas, já que tinham sido criadas para o bem-estar da comunidade. O trabalho realizado pelo Padre Giuseppe F. junto ao povo de Suzana é reconhecido tanto por católicos como por não católicos, talvez pela sua abertura e respeito pelos felupes tradicionais, demonstrado durante o nosso trabalho de campo. Contou-nos que já aconteceu pedirem arroz para as cerimónias felupes e não negou, respeita essas cerimónias, apesar de não aceitar o convite para ir assistir.

A abertura e o respeito pelas práticas tradicionais demonstradas pelo Padre Giuseppe F. contrastam com episódio evidenciado por Davidson (2007) quando em 1998 teve lugar em Suzana a iniciação masculina. Muitos felupes considerados católicos participaram, sendo que poucos foram os que não participaram. Depois de quatro meses de ausência estes homens iniciados voltaram para sua aldeia e os felupes católicos quando foram à missa, teriam sido envergonhados e expulsos pelo padre (Davidson, 2007:191).

Este episódio relatado por Davidson vem ao encontro de uma dúvida que surgiu durante o trabalho de campo, após contacto com os felupes tradicionais e felupes católicos. Permanece a dúvida se estes últimos, que afirmam ser católicos, deixaram por completo as práticas tradicionais.

A família e a divisão do trabalho entre homens e mulheres

A sociedade felupe organiza-se, como já mencionamos, em torno de certas estruturas como é o caso do parentesco, sobretudo nos aspectos referentes à patrilinearidade e patrilocalidade e assim como aspectos relativos aos clãs e linhagens. A família é estabelecida pelos descendentes masculinos por parte do pai: os filhos pertencem sempre à etnia do pai (aspecto patrilinear) e pertencem também à *tabanca*⁴⁰ do pai (aspecto patrilocal).

As povoações são muito importantes nestas sociedades, pois representam uma unidade social. Jordi Tomàs descreve as povoações da sociedade joola dizendo que são formadas por vários bairros que se dispõem em volta dos chefes de família de cada linhagem, as residências são patrilocais, o que significa que após o casamento os homens de uma família ficam a viver na mesma concessão - *hank*⁴¹ que o seu pai. Contudo, aspectos como o aumento demográfico e as reformas dos municípios levam já muitos a construir as suas próprias casas longe da

⁴⁰ Tabanca – povoação constituída por vários bairros – *keelume*, estes por sua vez são formados por várias unidades de residência –*hank* que se podem também chamar de *moranças*.

⁴¹ *Hank* é uma unidade de residência.

concessão familiar. Quando se verifica esta situação as famílias deslocadas continuam a ser intituladas pelo nome da concessão de onde provêm, uma vez que a concessão não é feita baseando-se em laços físico-territoriais e sim em laços sanguíneos, pela via masculina (Tomàs, 2005:121-133).⁴²

Para os felupes, a família descende do mesmo antepassado, com o mesmo nome e totem; os felupes acreditam na existência dos espíritos dos antepassados e têm grande respeito por estes. A grande importância dos antepassados é demonstrada pela existência de altares familiares – *hutilhl-ahu* específicos, para que a família possa prestar a sua veneração a estes. Por sua vez, o totem pertence a toda a linhagem e assume a importante função de protector do clã. Normalmente, tem a representação de um animal, sendo que poderá, raramente, ser representado por um objecto.

A estrutura familiar é organizada por gerações ou grupos de idade. Para Tomàs (2001) a divisão etária na sociedade faz-se em quatro grandes grupos: as crianças, os jovens não circuncidados, os jovens circuncidados e os adultos. Em cada grupo está estipulado uma série de direitos pessoais e sociais bem como responsabilidades que marcam os indivíduos ao longo da vida e marcam também a sua forma de relação com os outros, dentro e fora do seu grupo de idade (Tomàs, 2001:133).

A família é muito importante para os joolas, porque é a base da sua identidade e é a partir desta que a maioria dos joolas se identifica com a etnia. Os jovens, por exemplo, dizem ser joolas independentemente do local onde tenham nascido, porque os seus pais e antepassados o eram (Tomàs, 2005:137).

Eichelsheim (1991) chama a atenção para três características fundamentais destas sociedades: oposição entre velhos e jovens, homens e mulheres, autóctones e estrangeiros. Os velhos são detentores de várias responsabilidades, por esta razão usa-se o termo “velho” que nada tem a ver com categorias biológicas e sim sociais. Os velhos são responsáveis pelos jovens. O termo “jovem” também obedece a uma categoria social; os jovens são os dependentes, por esta razão as mulheres estão também inseridas na categoria dos “jovens”. O estatuto da mulher, tanto na sua família de origem como na família de destino, é sempre de estrangeira. Na sua família de origem, onde esta nasceu, é considerada estrangeira porque está ali enquanto não se casa; após o casamento, já na família de destino, continua a ser vista como estrangeira isto porque se trata de uma sociedade patrilinear. A maioria dos casamentos são exogâmicos a nível do bairro e endogâmicos a nível da aldeia.

⁴² Ver ainda Thomas (1972:151) e ainda Davidson (2007:85).

A autoridade do "velho" é baseada em dois fundamentos: a autoridade para determinar o acesso à terra (meio de produção rara) e a circulação de trabalho entre as comunidades de produção. Tendo autoridade sobre as mulheres e jovens, os velhos podem controlar a vida destes (Eichelsheim, 1991)⁴³. Nestas sociedades existe uma nítida divisão sexual do trabalho, verificada na organização complementar das tarefas, tal como veremos mais adiante neste trabalho.

A terceira característica apontada por Eichelsheim (1991) relaciona-se com o culto aos antepassados, pois existe uma relação hierárquica entre as famílias fundadoras de uma aldeia e as que chegaram depois, entre os autóctones e os estrangeiros. A aldeia é constituída por várias patrilineagens e cada patrilineagem tem a sua bolanha, reside numa área bem delimitada da aldeia e tem o seu próprio altar. O altar da primeira família, é gerido pelo chefe da linhagem. Cabe ao chefe de linhagem gerir também as terras de linhagem, podendo emprestar fracções de terras a uma família recém-chegada. Existe uma relação de dependência dos imigrantes ao chefe de linhagem que o hospeda, sendo que quando um estrangeiro se pretende fixar numa povoação, este tem o dever de se dirigir ao chefe de linhagem que tem autoridade para decidir se o alojará temporariamente ou não, bem como se dispensará bolanhas para que possa instalar-se e ter meios de subsistência.

A relação que os autóctones estabelecem com os que vêm de fora, sejam estes da mesma etnia ou de outra, tem uma grande importância na estrutura da sociedade joola. Os imigrantes dependem da decisão do chefe de linhagem para poderem obter terra emprestada, recurso de suma importância pois a terra não é apenas um local para se instalarem mas é também um meio de subsistência da família. Os recém-chegados são inseridos numa situação de dependência, submissão e desfavorecimento: primeiro, devem ser gratos ao chefe de linhagem, o hospedeiro, devem reconhecer a superioridade social deste; segundo, os estrangeiros nunca serão donos legítimos das terras que lhes foram cedidas, pois estas são adquiridas por empréstimo.

Todo este sistema faz com que exista uma clara divisão entre autóctones e estrangeiros, estes últimos estarão sempre numa situação menos favorecida em relação aos primeiros (Eichelsheim, 1991:3-4).

⁴³ Ver também Davidson (2007:36).

A propriedade da terra

A questão da propriedade fundiária continua a ser, na Guiné-Bissau, um problema difícil de gerir, principalmente devido ao conflito entre a lei fundiária de 1975⁴⁴ e as práticas locais de atribuição e uso de terras nas tabancas, que nunca foram consideradas como sistemas complementares de legislação. No entanto, os felupes continuam a gerir as suas terras segundo os sistemas tradicionais.

...a propriedade familiar embora pertencendo a todos os membros da família, nenhum deles pode dispor da sua quota-parte ideal. Só o chefe a pode administrar (...) Apropriado um terreno por uma família, nunca mais ela lhe perde o direito porque fica existindo um laço místico entre a terra e a família, laço protegido pelos antepassados. O direito da família [às terras] é imprescindível (...) Quem administra as propriedades da família, é sempre o chefe que as distribui pelos filhos casados sem que eles as façam suas (Silva, 1983: 194-195).

A sociedade felupe, como é o caso de todas as sociedades joolas é agrária e por este motivo a terra constitui um bem de suma importância. Além disso, a agricultura e, em particular, o cultivo do arroz, não são importantes apenas por serem a base da alimentação mas por serem um elemento central da organização social e religiosa.

Leur vie matérielle tout entière, aussi bien que leurs préoccupations religieuses, sont en effet dominées par le riz et les travaux des rizières... (Pélissier, 1958:3).

As bolanhas são um capital comum, que são partilhadas entre as famílias, sendo herdadas pelos filhos homens quando estes se casam. A família conserva, no entanto, o direito à propriedade, uma vez que as bolanhas permanecem no fundo familiar inalienável.

Segundo Pélissier (1966) a estrutura familiar tradicional estabelece-se em dois factores: a segurança e a economia. Segurança porque a família representa o apoio quando se verifica instabilidade política; o lado económico porque os membros de uma família participam em bens que continuam a ser comunitários. A título de exemplo, o gado que pertence ao pai não é, normalmente, partilhado após a morte deste mas sim confiado ao filho

⁴⁴ Após se tornar independente em 1974, o país adoptou a lei nº 4/75 que nacionaliza a terra, sendo que dentro do território nacional todo o solo, seja urbano, rústico ou já urbanizado é propriedade do Estado. A Constituição Guineense afirma que todas as terras pertencem ao Estado, sendo que este tem o direito, por meio de concessões de ceder o uso de terras a concessionários que as solicitem ao governo.

O papel das mulheres no combate à insegurança alimentar: um estudo de caso na sociedade Felupe da Guiné-Bissau.

mais velho, mas os demais filhos permanecem com o direito em relação a este capital (Pélissier, 1966:392).

Para os joolas, a terra não é apenas algo cultivável de onde se pode tirar a subsistência, a terra é sagrada e tem o seu lado histórico, pois nela estão gravados padrões da história joola (Davidson, 2007:395). Na sociedade felupe a terra tem um valor simbólico e identitário, pois existe uma relação da terra com o espírito dos antepassados e, no plano religioso, os felupes crêem que esta foi criada por Deus para que os homens pudessem usufruir dela. No que se refere ao carácter identitário da terra, esta faz parte da história de todo o grupo, é um elo entre o grupo e *Emit Ai*.

Para Taborda (1950) os felupes são talvez aqueles que mais amor tem à terra que os viu nascer. Afirmando que estes dificilmente emigram, só um motivo muito forte faria um felupe abandonar as suas bolanhas e palmares e, se um dia acontecesse, acabariam por voltar à sua terra (Taborda, 1950:537). No entanto, actualmente, esta situação tem mudado, uma vez que um dos problemas que tem afectado a sociedade felupe são os movimentos migratórios, principalmente por parte dos homens e jovens. Este assunto será desenvolvido num ponto mais a frente do presente trabalho.

Quando o homem morre a mulher deixa de ter acesso à propriedade da terra porque esta volta para os irmãos do marido. Isto acontece quando os herdeiros são muito novos e não podem ainda trabalhar a terra do pai. Se os seus cunhados forem já todos falecidos a mulher tem o direito de trabalhar a terra e o direito ao produto desta. Caso a viúva tenha filhos adultos estes tomam logo posse das terras e ela passa a trabalhar a terra dos filhos.

Por vezes, este sistema de apropriação de terras pode gerar conflitos, os sobrinhos depois de crescidos, por exemplo, podem reclamar as terras que foram do pai, criando conflitos com os tios. Isto acontece principalmente quando os sobrinhos atingem a idade do casamento e, neste caso, o irmão mais velho do pai ou o avô, se ainda estiver vivo, deverá proceder novamente à redistribuição das terras.

Este sistema de acesso à propriedade da terra por herança patrilinear pode comprometer a segurança alimentar das mulheres, sobretudo quando enviúvam. Uma vez que depois da morte dos seus maridos, as mulheres ficam sem terra e sem casa. A casa é queimada, porque os felupes acreditam que só assim o falecido encontrará o seu caminho, e o caso torna-se mais grave quando estas não possuem herdeiros masculinos.

No entanto, o sistema de empréstimo de terras assegura por vezes a subsistência das viúvas, pois podem pedir terra emprestada para cultivar. Esta terra, por ter sido adquirida por

O papel das mulheres no combate à insegurança alimentar: um estudo de caso na sociedade Felupe da Guiné-Bissau.

empréstimo, poderá sempre ser reclamada, ainda que se passem muitos anos. Esta situação obriga, por vezes, um indivíduo ou uma família inteira que já tenha construído a sua vida num local a sair, por não serem proprietários legítimos.

Pode acontecer, e acontece regularmente, os que migram quando regressam reclamarem a terra que lhes pertence por direito. Em suma, o direito sobre as terras nunca lhes é retirado, ainda que as deixem sem cultivar por muitos anos. Todavia, a produção dessas terras só lhes pertence se for cultivada pelos próprios⁴⁵.

Gosto de viver em Três Quilómetros⁴⁶, porque tenho a minha vida organizada. Cultivo arroz de montanha, caju, manga, laranja, banana e limão mas posso voltar para a minha tabanca de origem em Budgim e exigir um pedaço de terra ou casar com alguém de lá.

(Entrevista de campo, tabanca de Três Quilómetros, Novembro de 2009).

A importância do arroz na sociedade felupe

O arroz não é apenas a base da alimentação dos felupes como também é um elemento que está presente em todas as esferas da vida dos felupes, podendo-se dizer que o arroz é a base da sociedade felupe. Tomàs (2005) demonstra a presença do arroz na dimensão religiosa, afirmando que tanto o céu, a chuva e o arroz fazem parte da religião. *Emitay* significa céu e chuva, este último componente é importante porque rega os campos de arroz. O arroz, por sua vez, é uma preocupação dos joolas, espiritual e material (Tomàs, 2005:260). Esta ligação entre Deus, chuva e arroz é demonstrada também por Linares (2002) ao afirmar:

*Here, traditions relate that the supreme deity, the rain “god” known as Emitai, gave “Diola rice” (*O. glaberrima*) to the ancestors. This rice carried a life-giving power that explained the ultimate origins of the land that Emitai had bestowed upon the inhabitants.*

*For this reason, some varieties of *O. glaberrima* should always be planted, to preserve the link to the ancestors, and to Emitai, who sends rain (Linares, 2002:16364).*

A presença deste elemento nas cerimónias felupes é apresentada também por Silva (1960): *Se morrer algum membro da família, esta disporá de arroz suficiente para o choro e*

⁴⁵ Ver Davidson (2007: 36, 288, 392-393) e ainda Pélissier (1966).

⁴⁶ A tabanca de Três Quilómetros fica aproximadamente a 3 Kms de São Domingos. Algumas pessoas que foram entrevistadas informaram que é por essa razão que esta tabanca tem este nome.

O papel das mulheres no combate à insegurança alimentar: um estudo de caso na sociedade Felupe da Guiné-Bissau.

não passará pela vergonha de ser criticada pelos que vêm celebrar o passamento (Silva, 1960:38).

Em 1966, Pélissier descreveu a sociedade joola como verdadeira “civilização do arroz”:

Na sociedade Joola, a rizicultura é o centro de todo o sistema agrário e a eficácia das suas técnicas permitiram, até há quarenta anos, que esta sociedade fosse qualificada de autêntica civilização africana do arroz” (Pélissier, 1966).

A eficácia das técnicas utilizadas na produção de arroz pelos felupes é também evidenciada por Linares (1987):

The Fulup were able to produce a surplus of rice because they used particularly intensive agricultural techniques. One of the most common practices was to carve out new rice fields from mangrove swamps: "Everywhere where the mangrove, by retaining mud, has pushed back the edge of the marigots and the flooded land, the Floups cut down these trees and set out to transform salty mudflats into fertile rice-fields (Linares, 1987:124).

A importância do arroz para os felupes é intensificada na medida em que estes possuem diferentes designações para o caracterizarem:

Há certas etnias (os Felupes, por exemplo) que são verdadeiras civilizações orizícolas e que têm 15 designações diferentes para o arroz, conforme ele seja para semente, descascado ou com casca, acabado de colher ou armazenado, cozinhado, etc. (Schwarz, 2008).

Silva (1960) refere que os felupes possuem uma palavra para designar o arroz, *emano*, e outras palavras para designar o arroz em casca, descascado, cozido, na bolanha e de sequeiro. Silva põe também em evidência a riqueza de vocábulos que designam todas as particularidades da lavra e colheitas do arroz (Silva, 1960:38).

Os felupes são conhecidos como um povo que gosta de trabalhar e têm muito orgulho no trabalho árduo que desempenham, principalmente no cultivo do arroz. Esta forma de encarar o trabalho por parte dos felupes é referenciada por Silva (1960):

O papel das mulheres no combate à insegurança alimentar: um estudo de caso na sociedade Felupe da Guiné-Bissau.

O gado e as bolanhas são a expressão mais acabada do orgulho de uma família felupe. O número das cabeças de gado e a extensão e produtividade das bolanhas, são o padrão demonstrativo do zelo e amor pelo trabalho, não só do chefe de família como de todos os seus membros. (...) Não há uma família felupe digna desse nome que não tenha, no fim das colheitas, nos seus celeiros dentro de casa, uma suficiente reserva de arroz, bastante no geral, para alimentá-las durante dois anos (Silva, 1960: 38).

Davidson (2007) também faz uma referência a este assunto, afirmando que os joolas não vêm no seu sistema de sustento apenas um meio de subsistência mas também um meio que permite estabelecer personalidade, relações sociais, obrigações rituais e colectivas e ainda identidade cultural. A autora da tese “*Social Change and Continuity among the Diola of Guinea-Bissau*” põe ainda em evidência a característica central do modo de produção dos felupes, “o trabalho árduo”. Os felupes mantêm como que um compromisso com este regime de trabalho e rejeitam outras alternativas de modo de produção não encarando muito bem os indivíduos que procuram essas alternativas.

Desde cedo, as crianças são socializadas no costume do trabalho joola. Este costume é passado através dos exemplos dados pelos pais e outros familiares mais velhos e através de estratégias que visam combater tanto a preguiça como o roubo. Para os joolas, roubar é o pior crime que alguém pode cometer. É bem pior do que matar, pois o roubo significa uma recusa em trabalhar e todos os joolas devem orgulhar-se em trabalhar e não roubar. Por esta razão todos os que roubam são gravemente disciplinados (Davidson, 2007: 93-113).

CAPÍTULO III – O SISTEMA DE PRODUÇÃO AGRÍCOLA E A SEGURANÇA ALIMENTAR

Neste capítulo, faz-se a caracterização do sistema de produção agrícola e demonstra-se a importância do arroz para a segurança alimentar dos felupes. Para além do arroz, identifica-se outros produtos do trabalho agrícola, a importância destes como fonte de rendimento e estratégia de combate a insegurança alimentar. Analisa-se ainda o papel dos membros da família neste sistema de produção, com especial atenção às mulheres, sendo que estas desempenham tarefas de suma importância na produção agrícola e que são o grupo de estudo no presente trabalho.

A importância do arroz para a segurança alimentar

A produção de arroz não só tem uma grande importância na sociedade felupe como para o país, uma vez que este é a base da alimentação da maioria dos guineenses. Em 1991, a Guiné-Bissau e a Serra Leoa eram os maiores consumidores de arroz da costa africana, sendo que se registava na Guiné um consumo anual de arroz *per capita* de 105Kg.

A presença deste género alimentício no país já é antiga: estima-se que o arroz africano, *Oryza Glaberrima*, tenha sido introduzido na Guiné-Bissau há aproximadamente 2.500 anos. As elaboradas técnicas de cultura utilizadas pelos balantas, felupes, manjacos e papeis revelam a antiguidade desta cultura. Actualmente, ainda são cultivadas cerca de quarenta e cinco variedades deste arroz africano na Guiné-Bissau. O cultivo desta espécie teve o seu início no delta do Níger e terá chegado até à Guiné-Bissau através do centro difusor secundário do rio Gâmbia e Casamança. A *Oryza Sativa*, variedade índica e japónica, entrou para o continente africano por intermédio dos comerciantes árabes que vinham do oriente, a introdução desta espécie foi incrementada pelos navegadores portugueses que vinham da Ásia (Schwarz, 2008).

Até à década de 60 do século XX, a Guiné-Bissau era um país auto-suficiente relativamente à produção de arroz, mas a partir dessa data, nomeadamente em 1963, a importação do arroz sofreu um significativo aumento, e em 1974 essa importação atingiu o seu auge. Um dos factores que originou esta situação foi a luta armada de libertação nacional que proporcionou uma desorganização no sistema de produção. Muitas terras cultiváveis

O papel das mulheres no combate à insegurança alimentar: um estudo de caso na sociedade Felupe da Guiné-Bissau.

ficaram ao abandono, pois registava-se uma enorme vaga de emigração, principalmente por parte dos jovens agricultores que entravam para o exército ou simplesmente iam para as cidades.

Entretanto, entre 1974 e 1977, período após a luta pela libertação, houve um declínio da importação do arroz mas as alterações climáticas, que têm aumentado os períodos de seca, fizeram com que se registasse novamente um aumento das importações. Em 1985, o valor era de 40.000 toneladas (Sanches, 2003: 13). A importação de arroz é uma realidade, até para os Felupes, que sempre foram considerados muito resistentes à introdução de novos hábitos e costumes.

Em São Domingos foi possível observar-se a venda de arroz proveniente do Brasil, Vietname e Tailândia. Tanto os habitantes de São Domingos como os de Suzana não escondem que já introduziram arroz importado nas suas alimentações mas afirmam que este não serve para as cerimónias tradicionais uma vez que este arroz não foi cultivado por eles mesmos, por meio do seu trabalho árduo. Chegam até mesmo a imputar ao consumo de arroz importado o facto de se verificarem mais doenças e mortes.

O arroz de bolanha significa saúde, não importa a variedade o que interessa é ser cultivado por nós. O arroz perfumado que é o arroz importado significa doença. Comer comida industrial como caldos, especiarias e arroz importado é factor de doença.

(Entrevista de Campo, São Domingos, Novembro de 2009).

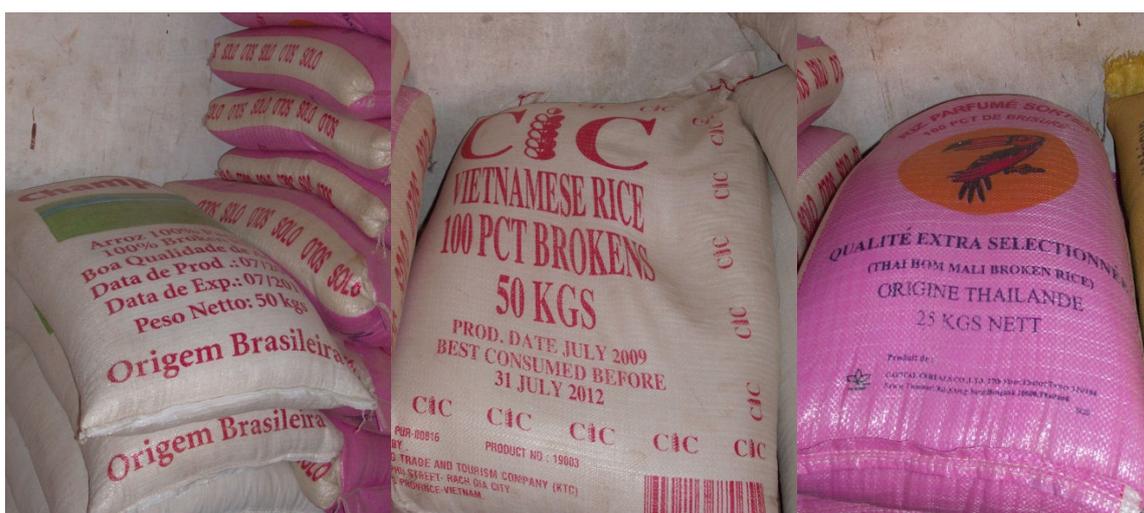


Figura 3: Venda de arroz importado⁴⁷.

⁴⁷ Fonte: Montagem de fotografias tiradas durante o trabalho de campo.

O papel das mulheres no combate à insegurança alimentar: um estudo de caso na sociedade Felupe da Guiné-Bissau.

O arroz é a cultura mais importante do trabalho agrícola da sociedade em estudo. A região de Cacheu e, em particular, São Domingos e Suzana, estão numa região favorável para a prática da agricultura, nomeadamente para o cultivo do arroz. A região é dotada de um clima tropical, com temperaturas médias entre os 25,5° e o 32,9°. A região de Cacheu é rica em recursos hídricos, sendo que é constituída por uma parte continental e uma insular, nesta última contam-se 90 ilhas e ilhéus (Brito, 2006:19)⁴⁸.

Existem três sistemas principais de cultura do arroz: a orizicultura em bolanha salgada, em bolanha doce e o sequeiro, este último também denominado como pam-pam e ainda como arroz de mato. Este tipo de produção de arroz faz-se em zonas desmatadas e queimadas. Estas áreas ficam sujeitas a um regime de pousio após o cultivo a fim de recuperarem a sua fertilidade. No entanto as plantações de caju competem com estas áreas de cultivo, deste modo o período de pousio tem sido substituído por plantações de caju, o que prejudica o sistema de orizicultura de sequeiro.

Ainda assim, o arroz de bolanha salgada é o mais importante. De acordo com Schwarz (2008) esta técnica assume uma extrema importância no que concerne à garantia de segurança alimentar já que é a que tem maiores rendimentos unitários, ocupa maior área de cultivo e ainda com maiores índices de produção.

No entanto, o cultivo de arroz de mato tem-se intensificado, pois tem sido uma das estratégias utilizadas pelas famílias no combate a insegurança alimentar. A sua colheita é feita em Setembro, precisamente no período de maior crise alimentar.

Este tipo de orizicultura não exige muita precipitação nem muita mão-de-obra, podendo ser cultivada pelas mulheres. Este tipo de arroz não necessita de ser plantado em viveiro para posteriormente ser transplantado como é o caso do arroz de bolanha, fazendo esta técnica de cultivo de arroz mais simples do que em bolanha. O arroz de mato acaba por ser uma alternativa para a orizicultura em bolanha, que tem enfrentado grandes constrangimentos. Mas se por um lado a produção de arroz de mato tem sido uma estratégia de superação, por outro lado acaba por ser mais uma tarefa que as mulheres acrescentam ao seu preenchido calendário de trabalho e ainda o lado negativo deste sistema prende-se ao facto de estar relacionado com as queimadas, que acabam por comprometer os solos.

⁴⁸ Estudo Socioeconómico e Diagnóstico para Acompanhamento das Condições de Bem-Estar das Famílias da Região de Cacheu. Disponível em http://www.fao.org/fileadmin/templates/cplpuncdd/Biblioteca/bib_GBS_/RelatorioPISAC.pdf.

O papel dos produtos de renda e hortícolas na manutenção da segurança alimentar

A base da alimentação dos felupes é o arroz; no entanto, na sua alimentação encontra-se também a mandioca e a batata-doce, que em momentos como os que são vividos em que há falta de arroz, acabam por ser de suma importância no complemento das suas necessidades alimentares. Os felupes cultivam, além destes produtos, um leque de outras culturas que ocupam o calendário o ano inteiro, tais como o caju, o amendoim, a manga, a laranja, a cebola e o feijão (Quadro 1).

Culturas	Período de Plantação	Período de Colheita
Arroz de bolanha	Junho a Julho	Outubro a Janeiro
Arroz de mato	Junho a Julho	Setembro a Outubro
Castanha de caju		Abril a Maio
Amendoim		Novembro
Mandioca		Novembro
Batata-doce	Setembro a Outubro	Dezembro a Janeiro
Manga		Abril a Agosto
Laranja		Abril a Maio
Feijão	Setembro	Outubro
Vinho de palma		Outubro a Julho
Óleo de palma		Dezembro a Maio
Hortícolas	Novembro a Março	Janeiro a Junho
Bissape	1º Período: Julho 2º Período: Abril a Junho	1º Período: Outubro 2º Período: Dezembro a Janeiro
Frutos selvagens	---	---

Quadro 1: O calendário de produção⁴⁹

O amendoim e o caju fazem parte dos produtos de renda, que não são para consumo directo mas para comercializar. Estes produtos fornecem uma fonte de rendimentos para a compra de outros produtos em falta, nomeadamente do arroz. Além disso não precisam de

⁴⁹ Calendário feito a partir de dados obtidos em entrevistas realizadas durante o trabalho de campo.

O papel das mulheres no combate à insegurança alimentar: um estudo de caso na sociedade Felupe da Guiné-Bissau.

grande mobilização de mão-de-obra para a sua produção, concentrando-se as necessidades de mão-de-obra na colheita. Como anteriormente referido a cultura do caju tem um lado negativo, já que compete com o arroz de mato na utilização de terrenos para cultivo. No entanto, segundo Davidson (2007), o cultivo de caju não proliferou muito entre os felupes, uma vez que vêem esta cultura como “uma actividade preguiçosa”, o que entra em contradição com o lema do trabalho árduo do qual tanto se orgulham (Davidson, 2007:128,434).

A manga, a laranja, a mandioca, a batata-doce, a cebola e o feijão são também produtos de renda, apesar de muitas vezes a exploração destes produtos ser mal aproveitada, como nos informaram no terreno. É o caso das mangas, como só vendem uma espécie grande, muitas acabam por se estragar, e o caso dos cajus, em que só é aproveitada a castanha, ficando uma parte do fruto sem proveito, uma vez que não dispõem de condições para fazerem sumo de caju, por exemplo.

O vinho de palma é um elemento de extrema importância na cultura joola sendo também carregado de um valor social e simbólico muito grande. Está presente em todas as cerimónias religiosas, pois sem ele não pode existir qualquer relação com Deus. Há muitos provérbios e expressões que evidenciam essa importância (Tomàs, 2005:122). Como afirma Davidson (2007), é na estação seca que os homens sobem às palmeiras duas vezes por dia enquanto na estação das chuvas a colheita é rara devido ao tempo e ao ciclo natural das palmeiras cujo período de recuperação é preciso respeitar. Só assim poderão obter vinho suficiente na próxima estação seca. No entanto, a proliferação de pomares de caju tem feito com que haja disponibilidade de vinho durante a estação chuvosa (Davidson, 2007:96).

Tanto o transporte como a venda do vinho de palma são garantidos pelas mulheres que andam 12 a 20 quilómetros, a pé, com um peso de aproximadamente 30Kg sobre a cabeça. O vinho é vendido nos *lumus*⁵⁰ e apenas 1/3 do resultado da venda é para elas. Os compradores são os comerciantes senegaleses que vêm de Ziguinchor para Suzana mas, como existe muita procura, muitas mulheres deslocam-se até Dakar, na esperança de conseguirem melhores lucros. Apesar disso, nem sempre os senegaleses pagam o preço justo:

Os senegaleses vêm cá comprar vinho, e muitas vezes pagam pouco, depois chegam na sua terra e não vendem o vinho puro, misturam com água para render mais e ainda vendem muito caro.

(Entrevista de campo, São Domingos, Novembro de 2009)

⁵⁰ Feiras/mercados populares que se realizam num determinado local, conforme o dia da semana.



Figura 4: Extração do vinho de palma⁵¹

Segundo Davidson (2007), o comércio do vinho de palma tem assumido uma grande importância na economia de Suzana, uma vez que o lucro proveniente das vendas garante muitas vezes a compra de arroz importado da Ásia para o sustento das famílias. Apesar da sua importância, o fabrico de vinho de palma e óleo de palma são actividades cada vez mais comprometidas, devido às alterações registadas no regime das chuvas que afecta muito particularmente a palmeira de óleo, palmeira-dendém, *Elaeis guineensis*, que necessita de bastante água para o seu crescimento.

O óleo de palma é utilizado para a comida e é extraído a partir da polpa do fruto. A amêndoa serve de comida para os porcos e de lenha para cozer o fruto (chébeu), que servirá para fazer o óleo. O óleo que é extraído da amêndoa serve para fazer sabão. Tudo é aproveitado: dos ramos fazem-se vassouras, dos caules das folhas a vedação dos quintais, os troncos servem para a construção dos telhados das casas.

⁵¹ Fonte: Fotografias tiradas durante trabalho de campo.

O papel das mulheres no combate à insegurança alimentar: um estudo de caso na sociedade Felupe da Guiné-Bissau.

A horticultura também é cada vez mais praticada. Cabe às mulheres o maior papel na produção dos produtos hortícolas, nomeadamente legumes e frutas. Muitas produzem tanto para consumo como para venda; outras apenas compram para venderem posteriormente. Cultivam-se sobretudo tomate, cebola, batata e legumes; o ciclo de produção destes produtos tem início em Novembro e estende-se até Março; as colheitas são feitas durante a estação seca, começando em Janeiro e prolongando-se até Junho.

Vivo em Alto Fresco⁵² e cultivo citrinos, mangas, caju, goiaba, maracujá mancarra, milho, feijão e arroz, mas o cultivo de arroz é em pequena quantidade.

(Entrevista de campo, São Domingos, Novembro de 2009)



Figura 5: Mulheres no *lumu*.⁵³

⁵² Bairro de São Domingos.

⁵³ Fonte: Fotografia tirada durante o trabalho de campo.

O papel das mulheres no combate à insegurança alimentar: um estudo de caso na sociedade Felupe da Guiné-Bissau.

Os frutos selvagens, como o fole, o velur, as azeitonas selvagens, o mandible, a tambacumba, a faroba e a cabaceira desempenham também um importante papel como garantes da segurança alimentar. Estes não precisam de ser cultivados e a sua colheita e comercialização intensificam-se em períodos de maior insegurança alimentar. São apanhados principalmente pelas mulheres e, por vezes, pelas crianças. São muito procurados pelos senegaleses, razão pela qual as mulheres viajam até Dakar para os poderem vender e muitas vezes são os próprios senegaleses que vão até aos *lumus* de São Domingos à procura destes frutos.

Os foles, que podem ser grandes ou pequenos, são apanhados apenas por mulheres, ou por jovens e crianças ou ainda por jovens e mulheres. A sua comercialização é feita no Senegal e intensifica-se sobretudo na altura em que a segurança alimentar da família está em perigo, devido à falta de arroz. O velur é consumido tanto em forma de fruto como em sumo, e pode ser utilizado para consumo e venda. A azeitona selvagem é apanhada para venda. O mandible é um fruto pequeno de cor amarela e do tamanho de uma azeitona, o seu sumo é utilizado para consumo, no entanto devido à sua rápida fermentação não pode ser armazenado.

A tabancumba é um fruto da savana, as sementes são usadas para consumo e para venda no Senegal. Segundo informações recolhidas no terreno, o seu consumo ajuda a regular a tensão arterial. No caso da faroba, o fruto é consumido em forma de farinha e as sementes são vendidas no Senegal e, segundo o nosso informante, o fruto é utilizado para a cura da febre-amarela, principalmente nas crianças. A cabaceira é utilizada para consumo e venda.

A contribuição da pesca para a segurança alimentar

Apesar de ser uma actividade complementar que não ocupa muito tempo da vida dos felupes, uma vez que dedicam grande parte do seu tempo na realização de trabalhos agrícolas, a pesca também faz parte do sistema de subsistência felupe. Como referenciado por Taborda (1950): a alimentação dos felupes acaba por reflectir estas duas actividades, sendo constituída por arroz e peixe (Taborda, 1950:191).

Assim como com o cultivo de arroz, esta actividade é também baseada na complementaridade entre ambos os sexos. Normalmente os homens pescam e as mulheres

O papel das mulheres no combate à insegurança alimentar: um estudo de caso na sociedade Felupe da Guiné-Bissau.

tratam do pescado. A actividade centra-se na pesca de peixe, camarão, moluscos e ostras, estas últimas muito procuradas no Senegal.

A importância desta actividade prende-se não só com a subsistência da família como também como fonte de rendimento, uma vez que uma parte do pescado, que é secado e fumado pelas mulheres, é comercializado, pelas mesmas, nos *lumis*. Estes rendimentos obtidos servem também para comprarem outros alimentos em falta.

A divisão do trabalho e o papel das mulheres na agricultura

Para Julliard (1997) a organização social da sociedade Felupe assenta sobre certas estruturas fundamentais como a divisão sexual das tarefas agrícolas, artesanais e domésticas que garante a eficácia da ferramenta e da força de trabalho, as classes de idade que gerem o ensino, a aprendizagem das crianças, a identidade social dos adultos e a entreaajuda na tabanca (Julliard, 1997-94).

Thomas (1958) refere que nesta sociedade existe a divisão do trabalho por idades e distingue três grupos: a) dos 9 aos 12 anos; b) dos 12 aos 17 e c) maiores que 17 anos. O primeiro grupo realiza tarefas menos pesadas como afastar os pássaros para não estragarem o arroz ou executam a manutenção do arroz de mato, retirando as ervas daninhas. Os outros dois grupos pertencem à faixa etária dos que trabalham a terra, estando os maiores de 17 anos em idade do casamento.

As mulheres representam uma grande parte da força do trabalho agrícola sendo a mão-de-obra feminina importante desde a produção, colheita até à comercialização.

Cabe a estas o cumprimento de um calendário agrícola e de trabalho muito rigoroso (Quadro 2).

O papel das mulheres no combate à insegurança alimentar: um estudo de caso na sociedade Felupe da Guiné-Bissau.

Tarefas	Período de realização
Venda de horticultura e de sal; armazenagem de lenha.	Fevereiro a Maio
Colheita da castanha de caju; desmatação dos campos para a plantação do arroz de mato; transporte de adubo para a bolanha.	Abril a Junho
Recolha de palha da savana para a cobertura das casas.	Maió a Junho
Plantação do arroz nos viveiros ou no mato.	Fins de Junho a Julho
Manutenção do arroz de mato.	Julho a Agosto
Transplantação do arroz de bolanha.	Agosto a Setembro
Colheita do arroz de mato.	Setembro e Outubro
Colheita do arroz de bolanha.	Outubro a Janeiro
Transporte e venda do vinho de palma; nas zonas costeiras secagem e fumagem de peixe para venda.	Novembro a Maio
Transporte do arroz colhido para os celeiros.	Janeiro a Fevereiro

Quadro 2: O calendário de trabalho das mulheres⁵⁴.

No cumprimento das suas tarefas, as mulheres felupes dedicam-se, de Fevereiro a Maio, à venda dos produtos hortícolas e do sal, assim como ao armazenamento de lenha, actividade pela qual também são responsáveis e que servirá para cozer os alimentos para toda a família. Nos meses de Abril a Junho, cabe-lhes fazer a colheita da castanha do caju, e são elas também as responsáveis pela preparação dos campos para receber o arroz de mato e transportar o adubo para as bolanhas.

Com aproximadamente dois meses de antecedência da época das chuvas, as mulheres procedem à recolha da palha para a cobertura das casas, tarefa esta que começa em Maio e termina em Junho. Logo depois da preparação dos campos, em finais de Junho a Julho, planta-se o arroz nos viveiros ou no mato. Este último requer um trabalho de muita atenção, pelo que as mulheres, de Julho a Agosto, fazem a manutenção do arroz e todo o trabalho de limpeza do campo, retirando as ervas daninhas.

⁵⁴ Calendário feito a partir de dados obtidos em entrevistas realizadas durante o trabalho de campo.

O papel das mulheres no combate à insegurança alimentar: um estudo de caso na sociedade Felupe da Guiné-Bissau.

De Agosto a Setembro procedem à transplantação do arroz de bolanha e findo este período, logo em Setembro, começam as colheitas do arroz de mato. No final das colheitas do arroz de mato, as mulheres dão início às colheitas do arroz de bolanha.

O transporte e venda do vinho de palma, secagem e fumagem do peixe são feitos no período de Novembro a Dezembro. Entre Janeiro e Fevereiro todo o arroz colhido é transportado pelas mulheres para os celeiros. Em Fevereiro acaba a última etapa do arroz antes de ser descascado e, ao mesmo tempo, começa um novo calendário para as mulheres.

Levanto-me às 6.30h, faço as tarefas de casa, varro, limpo, cozinho e depois vou para o meu trabalho. Trabalho como doméstica, mas não fico aí o dia todo, quando saio, vou à procura de lenha, palha, sal ou estrume para as bolanhas, junto-me aos homens para limpar o mato, para que o arroz de mato possa ser plantado. Um dia por semana dedico-me ao trabalho em grupo na bolanha, nos outros dias trabalho na minha bolanha.

(Entrevista de campo, Suzana, Dezembro de 2009).



Figura 6: Mulher carregando lenha.⁵⁵

⁵⁵ Fonte: Fotografias tiradas durante o trabalho de campo.

O papel das mulheres no combate à insegurança alimentar: um estudo de caso na sociedade Felupe da Guiné-Bissau.

São também as mulheres que têm o papel de escolher a espécie de arroz que vão semear, pois estas são capazes de distinguir as numerosas variedades de arroz (Linares, 2002:16360-16363). Este é um papel e um conhecimento fundamental para a sobrevivência da sociedade agrária felupe.

Apesar de possuírem um calendário de trabalho menos preenchido em relação às mulheres, os homens desempenham tarefas de grande importância para o bom funcionamento da actividade agrícola, como é o caso da manutenção dos diques, que requerem uma cuidadosa vigilância (Quadro 3). Esta tarefa é realizada entre os meses de Fevereiro a Abril. Entre Abril e Junho, juntamente com as mulheres, os homens preparam os campos para receberem o arroz de mato. Em finais de Julho até Agosto lavram as bolanhas, para as mulheres fazerem o transplante do arroz de bolanha.

A recolha do vinho de palma é longa, feita de Outubro a Maio; a venda é praticamente feita em simultâneo com a recolha, comercialização, esta que é uma importante fonte de renda. De Maio a Junho, homens e mulheres, juntos, preparam as casas para receberem mais um período de chuvas e cabe aos homens a tarefa de refazer os telhados das casas.

Tarefas	Período de realização
Manutenção dos diques	Fevereiro a Abril
Desmatação dos campos para o arroz de mato	Abril a Junho
Lavoura das bolanhas	Fins de Julho e Agosto
Recolha do vinho de palma	Outubro a Maio

Quadro 3: O calendário de trabalho homens⁵⁶.

⁵⁶ Calendário feito a partir de dados obtidos em entrevistas realizadas durante o trabalho de campo.



Figura 7: Rapazes tratando do gado⁵⁷.

As crianças felupes também têm tarefas a cumprir: os rapazes e as raparigas recolhem frutos selvagens, os rapazes tratam do gado e as raparigas ajudam as mães nas tarefas da casa e vigiam as bolanhas para que os pássaros não comam o arroz (Quadro 4). Esta última tarefa está ameaçada devido ao tempo que as crianças felupes passam na escola, período do dia em que os pássaros comem o arroz das bolanhas sem vigilância.

Rapazes	Raparigas
Tratam do gado.	Cuidam das bolanhas para que os pássaros não comam o arroz.
Colheita de frutos selvagens.	Varrem, limpam e cozinham.
---	Colheita de frutos selvagens.

Quadro 4: O calendário das crianças⁵⁸.

⁵⁷ Fonte: Fotografias tiradas durante o trabalho de campo.

⁵⁸ Calendário feito a partir de dados obtidos em entrevistas realizadas durante o trabalho de campo.



Figura 8: Raparigas vigiando as bolanhas contra os pássaros.⁵⁹

Esta análise corrobora a grande carga de trabalho que as mulheres acumulam mas também evidencia a complementaridade das tarefas tal como sustentam vários autores. Como anteriormente mencionado, Julliard (1997) considera que existe uma complementaridade na divisão das tarefas no seio da família que acaba por ser uma estratégia que garante a eficácia da força de trabalho que é a unidade familiar (Julliard,1997:94).

Eichelsheim (1991) também afirma não existir hierarquia na oposição homem/mulher mas sim uma complementaridade. Na produção do arroz, como vimos acima, pode-se identificar uma relação de interdependência entre os homens e as mulheres: aos homens cabe a tarefa de trabalhar a terra, a construção dos diques, bem como a sua manutenção. Às mulheres compete seleccionar as sementes, o cultivo do arroz em viveiros e, posteriormente, o seu transplante, colheita, transporte para a morança e armazenamento nos celeiros. Os homens possuem as terras/bolanhas, que recebem dos seus pais quando casam, mas o arroz pertence às mulheres, que não usufruem do direito de herdar terras (Eichelsheim, 1991:3).

Durante o período de tempo destinado aos trabalhos dos homens e das mulheres, uns e outros dedicam-se a outras actividades complementares: no período de tempo em que as mulheres se dedicam ao arroz, os homens realizam actividades piscatórias, corte de palmeiras e extracção do vinho de palma. Por sua vez as mulheres realizam também actividades

⁵⁹Fonte: Fotografias tiradas durante o trabalho de campo.

O papel das mulheres no combate à insegurança alimentar: um estudo de caso na sociedade Felupe da Guiné-Bissau.

piscatórias nas bolanhas, feita com redes circulares, dedicam-se à secagem e fumagem do pescado, ao fabrico de óleo de palma, esteiras e cestos.

A divisão do trabalho por género e por idades e a complementaridade existente na divisão das tarefas na sociedade felupe garantem a reprodução social do grupo, sendo que todos os membros da família contribuem para a sobrevivência do mesmo e as tarefas realizadas por cada membro permitem que estes estejam activamente integrados na comunidade (Julliard,1997:94).

A necessidade da complementaridade ajuda-nos a compreender as vulnerabilidades a que toda a sociedade fica sujeita quando este equilíbrio se desfaz. Veremos alguns destes aspectos na próxima secção em que são analisados os constrangimentos a que o sistema de produção está sujeito.

O papel das mulheres no combate à insegurança alimentar: um estudo de caso na sociedade Felupe da Guiné-Bissau.

CAPÍTULO IV – A insegurança alimentar e as estratégias das mulheres para a combater

Os felupes dependem, para assegurar a sua segurança alimentar, da agricultura familiar de subsistência, da qual a cultura do arroz, como vimos, é a pedra basilar. A produção agrícola em geral mas do arroz em particular tem enfrentado grandes constrangimentos, que colocam grande pressão sobre o sistema de produção. Os principais factores incluem as alterações climáticas e a diminuição da mão-de-obra, devido às migrações dos homens e jovens. A inexistência de infra-estruturas e de qualquer investimento ou apoio do estado também aumenta a vulnerabilidade das populações.

Para fazer face a esta situação, os felupes têm desenvolvido várias estratégias de forma a superarem ou atenuarem os efeitos negativos provenientes das mudanças verificadas no meio rural. Neste capítulo, iremos analisar alguns destes constrangimentos que se têm levantado ao sistema de produção agrícola dos felupes e à sua segurança alimentar e as estratégias desenvolvidas para os superar.

Os constrangimentos à produção agrícola

Um dos principais factores de pressão sobre o sistema agrário são as alterações climáticas que têm condicionado muito fortemente o cultivo de arroz. Os felupes utilizam técnicas tradicionais de cultivo, que embora habilmente adaptadas às condições locais, têm cada vez menos capacidade de responder à pressão cada vez maior causada pela alteração do regime das chuvas. A fraca precipitação não permite uma limpeza eficaz dos solos, levando ao aumento do teor de sal em muitas terras, o que leva à diminuição da produção de arroz. A partir de certo nível, a salinização dos solos leva mesmo ao abandono das terras por se tornar impossível cultivar, ou à destruição das colheitas quando a terra já está cultivada e a água salgada invade as culturas.

Os diques protegem as bolanhas, mas apesar da sua eficiência no controle da salinidade, não impedem a infiltração da água salgada subterrânea durante a estação seca. O papel dos diques está condicionado pela constante vigilância que a sua manutenção obriga, principalmente na estação seca. Esta tarefa é da responsabilidade dos homens, no entanto, a migração masculina leva a que a manutenção dos diques não possa ser assegurada de forma tão permanente como dantes. Sem uma constante reparação os diques enfraquecem, ficam porosos e deixam passar água salgada para a bolanha.

O papel das mulheres no combate à insegurança alimentar: um estudo de caso na sociedade Felupe da Guiné-Bissau.

Por outro lado, a cultura do arroz, seja em bolanha salgada, em bolanha doce ou de sequeiro, está dependente dos recursos hídricos, cada vez mais reduzidos devido a diminuição das chuvas.



Figura 9: Plantação de arroz em bolanha⁶⁰



Figura 10: Dique, impede que a água salgada entre para a bolanha⁶¹

O outro constrangimento de capital importância, já anteriormente referido, prende-se com a crescente falta de mão de mão-de-obra de homens e jovens, resultante do êxodo rural para as cidades ou mesmo para países próximos, como o Senegal e a Gâmbia. Apesar dos

⁶⁰ Fonte: Fotografias tiradas durante o trabalho de campo.

⁶¹ Fonte: Idem.

O papel das mulheres no combate à insegurança alimentar: um estudo de caso na sociedade Felupe da Guiné-Bissau.

felupes serem em grande parte agricultores e serem conhecidos como um povo que tem grande orgulho do trabalho árduo, a agricultura é uma actividade que deixou de aliciar muitos jovens, pois é uma actividade dura e esgotante, onde ainda se utiliza instrumentos rudimentares como o *kayendo* ou *kajandu*⁶². Assim os jovens preferem emigrar e arranjar outros empregos.



Figura 11: Homem trabalhando a terra com o *kayendo*.⁶³

A família que entrevistamos: L.S. é uma antiga combatente do PAIGC, assim como o seu marido. São pais de quatro filhos e moram em Três Quilómetros. L.S. viu-se forçada a abandonar a sua tabanca de origem porque lá já não havia condições para continuar a viver. Mas afirma que gostaria de voltar, pois prefere a vida que se leva na tabanca.

Na minha tabanca havia terra para cultivar, aqui não há terra, tenho muitas saudades.

(L.S., Entrevista de campo, São Domingos, Novembro de 2009).

⁶² Ortografia de Linares. O *kayendo* ou *kajandu* é uma grande enxada, com um cabo comprido e uma pá oval.

⁶³ Fonte: Fotografias tiradas durante o trabalho de campo.

O papel das mulheres no combate à insegurança alimentar: um estudo de caso na sociedade Felupe da Guiné-Bissau.

No entanto, as suas duas filhas dizem que já não querem voltar. Segundo as filhas de L.S, viver na tabanca não é bom principalmente para as mulheres, uma vez que na cultura felupe estas têm um calendário de trabalho muito mais preenchido do que os homens. Nas tabancas, as mulheres trabalham muito mais, não têm grandes hipóteses de estudar e acabam por casar mais cedo.

Hoje os jovens querem acabar os estudos, de preferência em Bissau, arranjar empregos menos duros, como professores, *babysitter*, empregadas domésticas e na área da informática e, de preferência, nunca mais voltar para viver na tabanca. Estes empregos são difíceis de se encontrar nas tabancas e arredores, como é o caso de São Domingos e Suzana, onde as pessoas continuam a dedicar-se mais à agricultura.

Em Bissau, vou trabalhar como doméstica, cuidar de crianças. Os rapazes felupes têm mais sorte conseguem trabalhos melhores, como professores, porque têm mais estudos do que as raparigas felupes.

(Entrevista de campo, São Domingos, Novembro de 2009).

A crescente vaga de movimentos migratórios significa, por um lado, que os homens partem para as cidades em busca de melhores trabalhos, mais rentáveis e, por outro, que os jovens que vão para as cidades continuar os estudos, muitas vezes não voltam e quando regressam, de férias, que é precisamente na altura das colheitas, a sua estadia é de pouca duração. Estes preferem estar nas cidades, ainda que a vida dos centros urbanos não seja fácil, pois a grande maioria dos jovens tem de trabalhar para pagar os estudos, mas é sempre melhor do que suportar a vida dura das tabancas.

A saída da tabanca, em particular dos jovens estudantes, por vezes sobrecarrega ainda mais os pais, uma vez que estes têm de trabalhar o dobro, cultivar, vender, para enviar dinheiro para os filhos que se encontram na cidade. É necessário pagar os estudos e suprir as necessidades básicas, já que as oportunidades de emprego nos centros urbanos nem sempre surgem e os melhores empregos, como professores ou informáticos são ocupados principalmente pelos jovens rapazes. Já as raparigas felupes que vão para as cidades trabalham normalmente em empregos mal remunerados, porque possuem menos habilitações quando comparadas com os homens.

O papel das mulheres no combate à insegurança alimentar: um estudo de caso na sociedade Felupe da Guiné-Bissau.

Ao contrário de muitas raparigas felupes, estudei até a décima primeira classe e vou para Bissau fazer o meu curso de enfermagem... não existem raparigas felupes na faculdade.

(Entrevista de Campo, Alto fresco, Novembro de 2009).

Assim, os rendimentos obtidos da comercialização dos produtos agrícolas têm de assegurar a subsistência dos jovens estudantes, que dependem do dinheiro das vendas para sobreviverem nas cidades.

A idade precoce dos casamentos felupes é também uma barreira para a mulher. As meninas felupes começam a comprar coisas para as suas casas muito cedo, conseguindo dinheiro a cuidar de crianças noutras casas, logo a partir dos seus 10/12 anos. A idade do casamento para as mulheres é a partir dos 16 anos e, até aos 20, têm de estar casadas. Já para os homens é por volta dos 27/28 anos. A idade precoce dos casamentos felupes leva a que as mulheres tenham filhos também muito cedo. Na cultura felupe ter um filho é motivo de muito orgulho, pois é o símbolo da fertilidade. Por vezes, são os próprios pais que incentivam os filhos a terem filhos antes do casamento, já que os netos os substituem no trabalho agrícola e é um grande orgulho ver o neto trabalhar a terra que o filho herdou.

O casamento tem perdido valor na sociedade felupe, eu preferia que a minha filha se casasse e depois tivesse filhos mas se não se casar pelo menos que tenha filhos. Depois ela pode ir embora que eu cuido dos meus netos.

(Entrevista de Campo, Alto Fresco, Novembro de 2009)

Esta realidade compromete também a segurança alimentar de muitos velhos, pois os jovens têm filhos e depois vão para as cidades estudar ou migram e deixam as crianças a cargo dos pais. Estes, que por sua vez já estão velhos, trabalham para se sustentar a eles mesmos, aos netos e aos pais destes (seus filhos), que estão nas cidades.

As estratégias das mulheres para combater a insegurança alimentar

Perante os constrangimentos à produção, nomeadamente as alterações climáticas e a migração, as populações têm procurado estratégias para as superar, para assegurar a sua sobrevivência. Também a falta de apoio que as populações das zonas rurais têm por parte do governo a nível de infra-estruturas básicas e ainda a debilidade do sistema de ensino têm motivado os felupes a encontrarem respostas para os actuais desafios que têm vindo a acentuar a insegurança alimentar.

O papel das mulheres no combate à insegurança alimentar: um estudo de caso na sociedade Felupe da Guiné-Bissau.

Algumas das estratégias passam por alterar as técnicas de produção sendo, por exemplo, uma das estratégias para fazer face à falta de mão-de-obra a plantação de variedades de arroz diferentes. Segundo Olga Linares (2002), são plantadas, actualmente, variedades asiáticas e africanas. No país tem existido uma mistura na utilização das duas espécies mas a escolha entre uma e outra variedade tem sofrido mudanças.

No passado, a *Oryza glaberrima (africana)* era a mais utilizada, por apresentar vantagens na sua produção: é mais resistente a pragas, tolera melhor a toxicidade do ferro, os solos inférteis, os climas severos, a negligência humana e tem ciclos de maturação mais curtos. Todos estes factores contribuem para que esta variedade se torne mais resistente aos reduzidos meses de chuva e tornam-na mais propícia no combate à insegurança alimentar devido ao seu período de amadurecimento reduzido. No entanto, os períodos de colheitas curtas obrigam à disponibilidade de um maior número de mão-de-obra que é, como vimos, cada vez mais escassa devido ao êxodo rural.

Deste modo, a utilização das variedades africanas tem sido preterida em detrimento das variedades asiáticas. A espécie *Oryza sativa*, variedade asiática, acaba por representar uma vantagem pois possui longos ciclos de maturação que representam períodos de colheitas igualmente longos o que ajuda a superar o problema da falta de mão-de-obra. O arroz asiático apresenta-se mais rentável e o seu descasque é também uma tarefa menos difícil de se realizar.

As preocupações inerentes à produção do arroz fazem com que os agricultores introduzam novas culturas e, nomeadamente as mulheres, tenham incluído a horticultura no seu calendário de trabalho. Tem-se assistido cada vez mais à prática da horticultura, cujos produtos assumem um importante papel como garantes da segurança alimentar, na medida em que podem compensar os maus resultados provenientes da produção do arroz e, ao mesmo tempo, permitir a obtenção de lucros, através da sua comercialização, que podem ser usados na compra de outros produtos alimentares a que não têm acesso de outra forma.

Se por um lado a produção de culturas hortícolas representa uma boa estratégia no combate à insegurança alimentar, por outro aumenta o número de tarefas a desempenhar e o peso do trabalho para as mulheres felupes, uma vez que estas têm bastantes tarefas a seu cargo: a produção, colheita e transporte dos alimentos. A maior parte das vezes o transporte é feito a pé com as colheitas sobre a cabeça, mesmo quando as distâncias são longas. Os mercados locais não são tão rentáveis; nas cidades, os lucros que se conseguem das vendas parecem ser mais compensadores. No entanto, para se chegar aos mercados de Bissau ou

O papel das mulheres no combate à insegurança alimentar: um estudo de caso na sociedade Felupe da Guiné-Bissau.

mesmo de São Domingos, os agricultores deparam-se com a falta de acessibilidades como as dificuldades no transporte, no escoamento e na comercialização dos produtos agrícolas, devido ao mau estado em que se encontram as estradas.

Além da horticultura as mulheres foram chamando a si cada vez mais tarefas nas actividades agrícolas, piscatórias, comerciais. Sem a presença dos maridos, dos jovens e sem a ajuda das filhas, as mulheres têm de os substituir, para além das muitas tarefas que já tinham, acrescem ainda as dos que partiram, e neste papel de agentes de substituição são sobrecarregadas com tarefas que outrora não lhes eram imputadas. Assim o papel tradicional da mulher tem sofrido alterações, principalmente com a crescente migração masculina e com a conseqüente falta de mão-de-obra.

Esta situação é evidenciada por Imam, Mama et Sow (2004): *Aujourd'hui, avec le départ accru des hommes, les femmes prennent de plus en plus de responsabilités masculines* (Imam, Mama et Sow, 2004:63).

As mulheres sempre foram responsáveis pela casa, pela educação dos filhos e muito activas nas actividades económicas, no entanto com a ausência dos homens, tornam-se muitas vezes responsáveis do agregado familiar, passando assim a desempenhar mais uma função que tradicionalmente não desempenhavam.

Até mesmo na produção do arroz têm de assumir muitas vezes a manutenção dos diques quando os homens não estão disponíveis para fazer essa tarefa que tradicionalmente lhes cabia. No entanto, dado que estas já têm um calendário agrícola bastante preenchido e que se trata de um trabalho bastante pesado, isto impede a necessária vigilância constante dos diques, o que vai levando à deterioração progressiva dos solos.

Uma das estratégias utilizadas pelas mulheres para conseguirem cumprir todas as novas tarefas que lhe vão sendo atribuídas, passa pelo reforço das associações de mulheres e pela realização de trabalho em grupo. Estas associações, que complementam as redes familiares e religiosas, são baseadas em práticas tradicionais de entreaajuda.

Sempre existiram como grupo de pessoas da mesma idade que se organizam para realizar trabalhos na aldeia, actividades como a preparação do campo agrícola, a colheita e a cobertura de casas. Essas organizações comunitárias acompanharam ao longo dos tempos o desenvolvimento social dos locais mais recônditos do país (Semedo, 2010:123).

O papel das mulheres no combate à insegurança alimentar: um estudo de caso na sociedade Felupe da Guiné-Bissau.

Estas práticas, que aliás não são exclusivas da Guiné-Bissau⁶⁴, têm, no entanto sido reforçadas como mecanismos de sobrevivência e superação das múltiplas pressões a que as sociedades estão sujeitas.

De acordo com Davidson (2007),

Women, as usual in Africa, carry the largest work burden. In addition to primary agricultural activities, women—with the assistance of their unmarried daughters—gather wood for cooking fires, draw water, process rice, pound palm kernels, make palm oil, cook family meals, tend to all childcare needs, and clean households. Women's labor has actually increased in recent years, as women have taken up traditional male activities—like clearing the forest and hoeing paddies—without reciprocal efforts from men to take up women's work. Women's increased labor is due to both the increase in widowhood in the region, and the general increased need for money, and thus the impetus for women's work associations to take on collective work for which they can charge for their services (Davidson, 2007: p.94).

Assim, o trabalho organizado em associações corresponde a uma estratégia por parte daqueles que ficam, principalmente das mulheres mas não só, para contornar estes problemas que se colocam no meio rural. Os que são deixados para trás continuam a ter uma ligação muito forte com a terra: como referido anteriormente, para os felupes a terra tem um valor identitário e, aliado a este sentimento, está o reconhecimento das necessidades da comunidade e a participação que cada um deve ter em dar respostas a estas necessidades.

As associações assumem uma grande importância social e têm várias funções, sendo que o principal objectivo é promover o espírito de entreajuda e o trabalho colectivo principalmente nas actividades agrícolas mais duras como a preparação das bolanhas e a altura das colheitas. Deste modo estas organizações têm vindo a contribuir para o desenvolvimento local, sobretudo em zonas rurais.

Estas associações estão divididas por género e ainda por faixa etária, isto porque existem especificidades, principalmente no que se refere ao tipo de trabalho realizado pelos homens e mulheres. São estas as associações, das mulheres, dos homens e dos jovens; estão presentes em cada bairro e são dirigidas por um membro que é eleito pelos restantes

⁶⁴ Ver Afonso Pereira (2011) para o contexto Angolano e Dava, Low e Matusse (1998: 338) em Moçambique que apontam para o ressurgimento dessas práticas em meio urbano.

O papel das mulheres no combate à insegurança alimentar: um estudo de caso na sociedade Felupe da Guiné-Bissau.

membros. Nas associações das mulheres, realizam-se eleições de dois em dois anos, segundo um informante, por estas se “zangarem com mais facilidade”. Já nas associações dos homens, o dirigente escolhido por votação ocupa o seu cargo até à morte ou, caso existam reclamações relativamente à sua conduta, elege-se novo dirigente.

A associação dos jovens pode ser dirigida por um rapaz ou rapariga, a escolha é também feita por eleição. Na altura do trabalho de campo a associação dos jovens de Suzana (AOFISS) – Associação Onenoral dos Filhos da Secção de Suzana, estava a ser dirigida por um rapaz. Esta associação foi criada pelos jovens felupes estudantes em Bissau, cujo objectivo passa por prestar apoio aos estudantes felupes que se encontram fora da tabanca.

Todas as associações trabalham para um fim comum, para que juntos possam encontrar o bem-estar de toda a comunidade. Existem associações de cada tipo por cada bairro e cada uma das diferentes associações é responsável por realizar os trabalhos que lhes cabem dentro da sua comunidade. Existe também uma associação das associações, que é uma espécie de associação “mãe”, cujo representante se reúne com os representantes das diversas associações existentes nos bairros, num trabalho de parceria. É o caso da associação de Suzana que tem o papel de recolher as contribuições das diferentes associações existentes dentro de um bairro. O valor arrecadado fica num fundo e é posteriormente usado em casos pontuais, como a cedência de empréstimos em situações de doença, construções que impliquem grandes gastos, etc.

As associações de trabalho são mais activas na estação das chuvas, porque também é o início de mais um calendário agrícola. Mesmo os que migraram, como é o caso dos jovens, quando regressam inserem-se nas associações e cumprem com o trabalho que lhes cabe fazer, trabalho que pode ser pago ou voluntário. As associações aceitam ser contratadas em troca de dinheiro: é um caso muito frequente na associação dos jovens que são solicitados para trabalharem terras, fazerem colheitas de arroz, trabalharem na construção, etc., e os lucros dos trabalhos ficam no fundo da associação. O trabalho por contratação realizado pelas associações de jovens apresenta também um lado negativo, uma vez que já começam a existir jovens migrantes que quando voltam dedicam-se mais à realização de trabalhos pagos do que propriamente em ajudar os pais nas suas bolanhas. Esta situação foi-nos relatada pelo Padre Giuseppe F., que não concorda com a associação de jovens promover o trabalho pago.

O papel das mulheres no combate à insegurança alimentar: um estudo de caso na sociedade Felupe da Guiné-Bissau.

É injusto porque os jovens vão para as cidades e os pais têm de trabalhar muito para mandarem dinheiro para os filhos e estes quando regressam não ajudam os pais, vão trabalhar para quem os pode pagar.

(Entrevista de campo, Padre Giuseppe F., Suzana, Dezembro de 2009)

As associações estruturam-se em dinâmicas recíprocas, mostrando um espírito de solidariedade que é a sua base; no entanto, é possível encontrar outras dinâmicas no seio destas organizações. São exemplos disso a solidariedade, a troca e os empréstimos. Quando alguém está doente as associações oferecem o seu trabalho gratuito, podem ser chamadas para ajudar famílias que não tenham membros suficientes e capazes para realizar o trabalho agrícola nas suas próprias terras. Por outro lado, a prestação de trabalho pode ser realizada em troca de pagamento. Este caso é muito frequente em caso de famílias ricas ou simplesmente de emigrantes que contratam as diversas associações. Na terceira situação, os empréstimos podem ser individuais, a indivíduos ou a famílias que estejam a passar por um período de grande dificuldade, ou ainda colectivos, para a realização de obras.

O trabalho feito por estas organizações não se restringe apenas ao trabalho agrícola, assumindo contudo, um importante papel nesta actividade fomentando o trabalho colectivo nas bolanhas. Pode-se verificar a sua actuação em áreas como no comércio conjunto, no caso da associação das mulheres que vão à procura de palha que posteriormente vendem para a construção de casas; na obtenção de lucros para a construção de infra-estruturas como escolas comunitárias, centros de saúde, espaços para jovens, campos e salões de convívio e ainda na partilha e manuseamento de equipamentos comuns a toda a comunidade, como é o caso de Suzana com a máquina descascadora de arroz.

O trabalho dinâmico que as associações das mulheres, existentes em cada bairro, tem feito, reflecte-se em algumas obras que já foram realizadas em Suzana. É o caso do infantário, que foi possível ser construído com os lucros destas associações, que mantêm o funcionamento do mesmo, pagando o salário das educadoras bem como a alimentação das crianças. A existência de um infantário em Suzana alivia as mulheres, pois sem as crianças a seu cargo durante o período da manhã podem dedicar esse tempo na realização das suas tarefas diárias, agrícolas e domésticas.

Não se pode deixar de referir o papel que as associações das mulheres e homens tiveram na obtenção de lucros para a construção de escolas e centros de saúde primários. O ensino tem sido assegurado, em grande parte, por estas associações que também têm

O papel das mulheres no combate à insegurança alimentar: um estudo de caso na sociedade Felupe da Guiné-Bissau.

suportado muitas vezes os salários dos professores. Tanto em São Domingos como em Suzana foi-nos relatado que as crianças ficam longos períodos de tempo sem aulas devido às greves que os professores fazem, motivadas pelos sucessivos atrasos de pagamentos por parte do Estado. Desta forma, as associações tentam evitar estas greves, cobrindo a falha do Estado, pagando os salários aos professores.

Através das associações as mulheres e os homens tentam ainda travar ou retardar o quanto puderem a saída dos seus jovens. O êxodo rural dos jovens justifica-se pela falta de escolas para a continuação dos estudos e também pelo desejo dos jovens de quererem melhores empregos fora da actividade agrícola. O primeiro motivo evidenciou-se mais em Suzana, onde o ensino só chega até a sexta classe. Depois disso os jovens têm de se deslocar para São Domingos ou Bissau, para continuarem com os seus estudos. Conscientes deste problema, as associações de Suzana estão a contribuir para a construção de um liceu de modo a que os jovens suzanenses não tenham mais necessidade de migrar, podendo desta forma prosseguir com os estudos pelo menos até a décima primeira classe.

Em suma, as associações trabalham em áreas prioritárias que vão desde a agricultura, por ser o meio de subsistência da etnia em estudo, passando pela educação e saúde.



Figura 12: Infantário de Suzana⁶⁵

⁶⁵ Fonte: Fotografias tiradas durante o trabalho de campo.

CONCLUSÃO

Neste estudo colocaram-se as seguintes questões: Como está organizada a sociedade felupe e como é que a mulher se insere nessa organização? Como está organizado o sistema de produção agrário e quais os papéis assumidos pelas mulheres? Quais são os desafios que se colocam à segurança alimentar e que estratégias foram desenvolvidas pelas mulheres para enfrentar os constrangimentos?

O estudo da sociedade felupe mostrou qual a sua organização social e económica e permitiu uma maior compreensão do papel das mulheres na organização social e também da centralidade da agricultura e, em particular, do arroz nesta sociedade. Os felupes têm como principal actividade a agricultura, onde o arroz está no centro das suas preocupações. A sociedade felupe está fundamentada sobre o cultivo do arroz que é a sua base de alimentação e também a base da sua organização social, cultural e religiosa. A sua organização social está também assente na divisão sexual do trabalho, nas classes de idade⁶⁶ e no espírito de entreajuda presente nas associações de trabalho.

Existe uma complementaridade no seio da família felupe que faz com que todos, desde mulheres, homens e crianças estejam activos, fazendo da família uma unidade de trabalho e uma unidade económica⁶⁷.

No entanto vários factores externos e internos têm exercido pressão sobre os sistemas de produção agrícola com consequências graves para sociedades agrárias, como os felupes, dependentes da agricultura. Os felupes têm sentido as dificuldades resultantes destas alterações que têm levado à transformação da sua sociedade, dos seus valores tradicionais, à alteração da estrutura da população, da agricultura e na força do trabalho agrícola.

A falta de chuva tem prejudicado a produção da cultura de arroz, bem como o sector agrícola no seu todo. A crise que este sector atravessa não se deve apenas a factores de ordem natural como a escassez de precipitação ou a insuficiência de solos férteis ou a sua degradação. Outros factores como a migração têm contribuído para a deterioração do sistema

⁶⁶ Julliard (1997) refere-se a sociedade felupe como: *C'est une société largement paysanne dont la production vivrière repose sur la culture du riz ... L'organisation sociale repose sur (...) la division sexuelle des tâches... les classes d'âge...* (Julliard, 1997-94).

⁶⁷ Eichelsheim (1991) afirma: *n'est pas hiérarchique mais plutôt complémentaire: les hommes possèdent les rizières, mais les femmes le riz. La division stricte du travail dans la riziculture (les hommes travaillent la terre et les femmes récoltent) rend l'un dépendant de l'autre dans le processus de production* (Eichelsheim, 1991-3).

O papel das mulheres no combate à insegurança alimentar: um estudo de caso na sociedade Felupe da Guiné-Bissau.

agrícola felupe, diminuindo a força do trabalho jovem e masculina. Como consequência, a agricultura felupe tem sido assegurada por uma mão-de-obra envelhecida e cada vez mais feminina, que, além de produzir alimentos suficientes para os que ficam, ainda tem de obter receitas da venda dos mesmos de maneira a auxiliar os jovens que partiram para as cidades.

Existe uma participação de todos os membros da família para garantirem a segurança alimentar, pois têm consciência que actualmente estes ciclos de mudanças põe em risco cada vez mais a sua segurança alimentar. Desta forma, esta sociedade tem desenvolvido estratégias para se adaptar, de forma a combater a insegurança alimentar.

É neste contexto de mudanças e crise que o papel das mulheres felupes, que já era de suma importância na agricultura, é reforçado. Com as migrações, as mulheres adquiriram novas responsabilidades no seio da família, sendo até muitas delas chefes de família em resultado da imigração do marido. Representam ainda uma força de trabalho indispensável para a manutenção do sistema agrário. Além das suas antigas tarefas agrícolas, assumem alguns papéis como a manutenção dos diques, dantes reservados aos homens. As mulheres fomentam ainda a diversificação das culturas, cultivando por exemplo o arroz *pam-pam*, elas mesmas desbravam o mato e o cultivam e têm-se dedicado cada vez mais às hortícolas bem como à comercialização das mesmas. A venda destes produtos tem permitido, entre outras coisas, a compra de arroz para consumo, permitindo assim fazer face ao problema de escassez.

As mulheres felupes têm demonstrado a sua própria capacidade de enfrentarem as adversidades ao utilizarem as associações de mulheres. Através da associação, as mulheres fazem o trabalho agrícola em conjunto, aliviando deste modo o peso da falta de mão-de-obra dos homens da família e comercializam em conjuntos os seus produtos. Organizam-se também para suprir outras necessidades sociais das suas famílias como é o caso do financiamento do infantário, da escola e do centro de saúde.

Deste modo, estas mulheres demonstram o importante papel que têm na sociedade em que vivem: como agentes de substituição daqueles que partiram, como agentes de manutenção de segurança alimentar e equilíbrio da comunidade.

Nesta fase final, cabe uma análise e reflexão crítica sobre as metodologias usadas no estudo, não só da minha área de estudo como também, ainda que de forma mais geral, do tema central do estudo que levou à criação das cinco teses de mestrado. A meu ver foi uma mais-valia o tema da segurança alimentar na sociedade Joola-felupe ter sido estudado sob

O papel das mulheres no combate à insegurança alimentar: um estudo de caso na sociedade Felupe da Guiné-Bissau.

cinco dimensões. Depois de uma longa pesquisa bibliográfica, em Novembro de 2009, partimos para a Guiné-Bissau para realizar o trabalho de campo, em São Domingos e Suzana. Apesar da pesquisa ter sido realizada num período de tempo curto, este foi muito enriquecedor, pois foi possível confrontar muitas das informações obtidas através da pesquisa teórica. Todavia, o reduzido tempo de trabalho de terreno não nos permitiu entrevistar um maior número de pessoas e aprofundar certas temáticas, correndo-se o risco de fazer demasiadas generalizações, erros e a formulações de ideias erradas, feitas através de informações igualmente erradas.

Contudo, o facto de estudarmos um assunto comum em cinco dimensões, ampliou ainda mais a minha visão relativamente ao tema central e foi possível compreender como cada uma das dimensões se interligam e se influenciam. Este método de estudar o assunto sob várias perspectivas também facilitou a forma como abordámos os nossos informantes. Evitou-se seguir métodos formais, com perguntas demasiadamente directas. A técnica de conversas abertas foi bastante útil permitindo explorar, numa mesma pessoa entrevistada, os diversos assuntos relevantes para a compreensão das cinco dimensões em estudo.

Em relação à dimensão tratada nesta tese, que procura entender o papel das mulheres felupes face ao problema da insegurança alimentar, questiono-me acerca das opções que tomei, desde a leitura até ao trabalho de campo. Reconheço que antes de fazer o trabalho de campo li muito sobre a sociedade objecto de estudo mas deveria ter afunilado mais a minha leitura para as mulheres. Já no terreno devia ter tido uma maior preocupação em voltar a falar com as mesmas mulheres, não todas mas de forma a confrontar certas informações e deveria procurar entender melhor junto dos homens a visão que têm em relação ao papel da mulher e em particular às mudanças que têm ocorrido no actual contexto. Tenho noção que tive pouco tempo para a pesquisa de campo mas talvez se tivesse perdido tempo em voltar atrás e falar com as mesmas mulheres, se tivesse pegado num assunto relatado por uma pessoa e explorado sob o ponto vista de outros: de outras mulheres e homens, talvez tivesse uma parte empírica mais rica em informações resultante do trabalho de campo.

No entanto, penso que de uma forma geral soube tirar proveito das pessoas que entrevistámos e das informações que adquiri no trabalho de campo e tentei colmatar a falha de não ter afunilado a minha leitura antes da ida a Guiné-Bissau, lendo mais sobre as mulheres Felupes posteriormente, comparando com as informações trazidas do trabalho de terreno.

O objectivo deste estudo era analisar o papel das mulheres no combate à insegurança alimentar na sociedade felupe. Este estudo dá-nos uma visão sobre a sociedade felupe e as

O papel das mulheres no combate à insegurança alimentar: um estudo de caso na sociedade Felupe da Guiné-Bissau.

ameaças a que está confrontada. Os constrangimentos que sobre ela recaem afectam directamente a produção agrícola mas, como pudemos demonstrar neste estudo, a produção agrícola e sobretudo de certos produtos, como o arroz, não afectam somente a segurança alimentar mas toda a estrutura da sociedade. Perante estes constrangimentos, a sociedade felupe tem sabido adaptar-se. As mulheres têm assumido um papel fundamental em assegurar a resiliência da sociedade através de mudança nas técnicas culturais, da diversificação de culturas, do desempenho de funções antes reservadas aos homens e ainda através da sua organização em associações. Têm, assim, tido um papel essencial no combate à insegurança alimentar e a reprodução social do grupo. No entanto, a questão que se põe é até quando é que as estratégias vão ser suficientes para fazer face a pressões cada vez maiores?

O papel das mulheres no combate à insegurança alimentar: um estudo de caso na sociedade Felupe da Guiné-Bissau.

O papel das mulheres no combate à insegurança alimentar: um estudo de caso na sociedade Felupe da Guiné-Bissau.

Referências Bibliográficas

Almeida, Carlos Lehmann de (1955), “Inquérito etnográfico sobre a alimentação dos felupes”, *Boletim Cultural da Guiné Portuguesa*, X (40), pp.617-634.

Almada, André Álvares de (1594), *Tratado Breve dos Rios de Guiné do Cabo Verde*, Porto, Diogo Köpke.

Anon, (1994), *Conférence Régionale sur la problématique foncière au Sahel*, Bamakou (Mali), (comunicação da Guiné-Bissau), (Online).

Disponível em: <http://www.cilss.bf/html/praiia/GBissau.pdf>.

Asante, Molefi (2008), *Diola*, Encyclopedia of African Religion, (Online).

Disponível em: <http://www.docstoc.com/docs/85115567/encyclopedia-of-african-religion-molefi-assante>.

Bayan, Lúcia (2010), *Autoridades Tradicionais, insegurança alimentar e gestão de recursos: um estudo de caso no Reino Felupe de Suzana (Guiné-Bissau)*, pp. 52-67, dissertação de mestrado em Estudos Africanos, Desenvolvimento Social e Económico em África: Análise e Gestão, Lisboa, ISCTE-IUL.

Barbier-Wiesser, François-George (1994), *Comprendre la Casamance*, Paris, Karthala.

Bock, Augusto João (2009), *Segurança Alimentar – potencialidade dos recursos na Guiné-Bissau e política alimentar*, tese de doutoramento em Engenharia Agronómica, Lisboa, ISA-UTL.

Brito, Brígida Rocha (2006), *Estudo Socioeconómico e Diagnóstico para Acompanhamento das Condições de Bem-Estar das Famílias da Região de Cacheu* (Online).

Disponível em: http://www.fao.org/fileadmin/templates/cplpunccd/Biblioteca/bib_GBS/RelatorioPISAC.pdf.

Bunde, Altacir (2009), *O MCP e a Construção da Soberania Alimentar Popular*. “Reflexões apresentadas, I Seminário de agricultura familiar, camponesa e reforma agrária”, Goiânia.

Dava, Gabriel, Jan Low e Cristina Matusse (1998), “Mecanismos de Ajuda Mútua e Redes Informais de Protecção Social: Estudo de Caso das Províncias de Gaza e Nampula e a Cidade de Maputo”, *Pobreza e Bem-Estar em Moçambique: Primeira Avaliação Nacional (1996-97)*, (Online).

Disponível em: <http://www.ifpri.org/sites/default/files/pubs/portug/pubs/books/ch6.pdf>

O papel das mulheres no combate à insegurança alimentar: um estudo de caso na sociedade Felupe da Guiné-Bissau.

Davidson, Joanna (2007), *Feet in the Fire. Social Change and Continuity among the Diola of Guinea-Bissau*, tese de doutoramento em Filosofia, Faculty of the Graduate School of Emory University, Atlanta, Georgia.

Diouf, Jacques (2008), *A resposta da UE à crise alimentar*, Parlamento Europeu, (Online).
Disponível em: <http://www.europarl.europa.eu/sides/getDoc.do?pubRef=-//EP//TEXT+IMPRESS+20080911STO36950+0+DOC+XML+V0//PT>

Dujarric, Patrick (1994), “L’habitat diola: Famille, ferme et grenier”, em François-George Barbier-Wiesser (coord.), *Comprendre la Casamance, Chronique d’une intégration contrastée*, Paris, Éditions Karthala, pp.153-167.

Eichelsheim, John Lucas (1991), “Formation d’État et particularisme en Afrique: les relations des Diola au sud du Sénégal avec le pouvoir central à Dakar”, *Afrika Focus*, 7 (3), pp.193-221.

Disponível em: <http://www.ideecasamance.org/histoire.htm>

FAO (1996), *Declaração de Roma Sobre a Segurança Alimentar Mundial e Plano de Acção da Cimeira Mundial da Alimentação*, (Online).

Disponível em: <http://www.fao.org/docrep/003/w3613p/w3613p00.htm>.

FAO (2002), *Estado da Insegurança Alimentar no Mundo*, (Online).

Disponível em: <http://www.fao.org/spanish/newsroom/news/2002/5500-es.html>.

FAO (2008), *Estado da Insegurança Alimentar no Mundo*, (Online).

Disponível em: <http://www.fao.org/docrep/011/i0100e/i0100e00.htm>.

FAO (2009), *Estado da Insegurança Alimentar no Mundo*, (Online).

Disponível em: <http://www.rlc.fao.org/pr/prensa/coms/2009/02.pdf>.

FAO (2010), *Estado da Insegurança Alimentar no Mundo*, (Online).

Disponível em: <http://www.fao.org/publications/sofi/en/>.

FAO (2010), *Desafios e oportunidades para a agricultura e a Segurança Alimentar na África*, (Online).

Disponível em: <https://www.fao.org.br/download/mat5P.pdf>.

FAO (2012), *Estado da Insegurança Alimentar no Mundo*, (Online).

Disponível em: <https://www.fao.org.br/oqvpsf2012.asp>.

FAO (2012), *Estado da Insegurança Alimentar no Mundo*, (Online).

Disponível em: <http://www.fao.org/publications/sofi/en/>.

Fórum dos Presidentes dos Supremos Tribunais de Justiça dos Países e Territórios de Língua Portuguesa (1996), *Constituição da República da Guiné-Bissau*, (Online).

O papel das mulheres no combate à insegurança alimentar: um estudo de caso na sociedade Felupe da Guiné-Bissau.

Disponível em: http://www.stj.pt/ficheiros/fpstjptlp/guine_constituicao.pdf.

Hirai, Wanda Griep e Flávio Sacco dos Anjos (2007), *Estado e segurança alimentar, alcances e limitações de políticas públicas no Brasil*, (Online).

Disponível em: <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/fass/article/viewFile/2322/3251>

Jornal Oficial da União Europeia, (2003), *Cimeira Mundial da Alimentação das Nações Unidas*, (Online).

Disponível em: <http://eurlex.europa.eu/LexUriServ/LexUriServ.do?uri=OJ:C:2003:271E:0572:0576:PT:PDF>.

Journet-Diallo, Odile (1997), *Le peuplement Joola de la région frontalière*, Cahiers lillois d'économie et de sociologie, n° spécial.

Julliard, André (2000b), “Regards ethnographiques sur le peuplement Felup-ajamat”, *Migrations anciennes et peuplement actuel des Côtes guinéennes*, Cahiers lillois d'économie et de sociologie, (n° spécial), L'Harmattan, pp.93-113.

Linares, Olga F. (1987), *Deferring to trade in slaves: The jola of Casamance, Senegal in historical perspective*, Smithsonian Tropical Research Institute, Balboa, Panama.

Linares, Olga F. (1992), *Power, Prayer and Production: the Jola of Casamance, Senegal*, Cambridge-New York, Cambridge University Press.

Linares, Olga F. (2002), *African rice (Oryza glaberrima): History and future potential*, PNAS, 99 (25), pp.16360-16365.

Lopes, Catarina (2010), *Papel das associações no desenvolvimento rural-Estudo de caso das associações manjacas na região de Cacheu, na Guiné-Bissau*, CIEA7 #16: Reconfigurações políticas e actores sociais, em espaços rurais africanos, (Online).

Disponível em: http://www.fecong.org/fec/pdf/Coloquio_CEAISCTE_Papel_Associacoes_GB.pdf.

Maluf, Renato S. e Francisco Menezes (2000), *Caderno 'Segurança Alimentar'*, Paris, FPH.

Maniglia, Elisabete (2009), *As Interfaces do Direito Agrário e dos Direitos Humanos e a Segurança Alimentar*, São Paulo.

Marouelli, Rodrigo Pedrosa (2009), *Crise mundial nos preços dos alimentos: oportunidades e desafios para a agricultura brasileira*, Brasília.

Monteiro, António Isaac (1996), *O Programa de ajustamento estrutural na Guiné-Bissau*, Bissau.

ONU (2000), *Declaração do Milénio*, (Online).

Disponível em: <http://www.unric.org/html/portuguese/uninfo/DecdoMil.pdf>.

O papel das mulheres no combate à insegurança alimentar: um estudo de caso na sociedade Felupe da Guiné-Bissau.

ONU (2009), *A ONU eo desenvolvimento* - United Nations Information Centres, (Online).

Disponível em: <http://unic.un.org/imucms/rio-de-janeiro/64/38/a-onu-e-odesenvolvimento.aspx>

Pélissier, Paul (1958), *Les Diloa: étude sur l'habitat des riziculteurs de Basse-Casamance*, Les Cahiers d'Outre-Mer, (44), pp.334-388, (Online).

Disponível em: http://www.histoireucad.org/archives/index.php?option=com_remository&Itemid=60&func=select&id=23.

Pélissier, Paul (1966), *Les paysans du Sénégal. Les civilisation sagraires du Cayor à la Casamance, Saint-Yrieix, Fabrègue*, Version électronique préparée par Charles Becker em 2008, Dakar, UCAD, (Online).

Disponível em: http://www.histoireucad.org/archives/index.php?option=com_remository&Itemid=60&func=select&id=22.

Pereira, Aline Afonso (2011), *Vendedoras no sector informal de Luanda: sobrevivência e entreaajuda em contexto de liberalização económica*, Tese de Doutoramento em Estudos Africanos, ISCTE-IUL, Escola de Sociologia e Políticas Públicas.

Perestrello, Filipa, Lúcia Bayan, Ludmila Bolonha, Miguel Freitas e Sandra Mula (2009), *A sociedade Joola-felupe face à (in)segurança alimentar: dinâmicas e estratégias*, projecto de investigação conducente à elaboração de cinco dissertações de mestrado em Estudos Africanos no ISCTE-IUL.

Disponível em: <http://estudosafrianos.files.wordpress.com/2010/04/projectofinal.pdf>.

Quivy, Raimond e Luc Van Campenhoudt (1995), *Manual de Investigação em Ciências Sociais*, Lisboa, Gradiva.

RUNIC - *O Projecto do Milénio da ONU*, (Online).

Disponível em: <http://www.unric.org/html/portuguese/uninfo/MDGs/millenniumproject4.html>.

Sachs, Jeffrey (2008), *Entrevista sobre a crise alimentar mundial*, Parlamento Europeu, (Online).

Disponível em: <http://www.europarl.europa.eu/sides/getDoc.do?pubRef=-//EP//TEXT+IM-PRESS+20080505STO28114+0+DOC+XML+V0//PT>.

Sanches, Ana Paula Rodrigues, António Cittadino e Mário Artuso (2003), *Conversão de terras em solos urbanos, Bissau (Guiné-Bissau), 1989-1997. Análise pela salvaguarda de agricultura urbana e periurbana e pela segurança alimentar*, Working Paper n.1 do Projecto de Formação em Gestão de Recursos Naturais e Segurança Alimentar, Torino, Centro Città del Terzo Mondo, Politecnico di Torino.

Schwarz, Carlos (2008), *Os desafios da orizicultura guineense*, s.l., s.n.

O papel das mulheres no combate à insegurança alimentar: um estudo de caso na sociedade Felupe da Guiné-Bissau.

Semedo, Odete (2010), *As mandjuandadi - cantigas de mulher na Guiné-Bissau: da tradição oral à literatura*, Tese apresentada ao Curso de Pós-graduação em Letras, da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, como parte dos requisitos para a obtenção do grau de Doutor em Literaturas de Língua Portuguesa, (Online).

Disponível em: http://www.biblioteca.pucminas.br/teses/Letras_SemedoMO_1.pdf.

Silva, Artur Augusto da (1983), *Direitos Civil e Penal dos Mandigas e dos Felupes da Guiné-Bissau*, Bissau.

Silva, Artur Augusto da (1960), *Usos e costumes jurídicos dos Felupes da Guiné*, Boletim Cultural da Guiné Portuguesa, XV (57).

Taborda, A. Cunha (1950a), “Apontamentos etnográficos sobre os felupes de Suzana” (1ª Parte), *Boletim Cultural da Guiné Portuguesa*, V (18), pp.187-223.

Taborda, A. Cunha (1950b), “Apontamentos etnográficos sobre os felupes de Suzana” (2ª Parte), *Boletim Cultural da Guiné Portuguesa*, V (20), pp. 511-561.

TCE (Tribunal de Contas Europeu) (2012), *A eficácia da ajuda ao desenvolvimento da União Europeia para a segurança alimentar na África subsariana*, (Online).

Disponível em: http://europa.eu/rapid/press-release_ECA-12-10_pt.pdf.

Thomas, Louis-Vincent (1958), *Les Diola, essai d'analyse fonctionnelle sur une population de Basse-Casamance*, Première Partie, Dakar, IFAN.

Thomas, Louis-Vincent (1966), *L'initiation a la royau té chez les flup (Cérémonie Ewãg)*, Notes Africaines, série B, (109), Janvier, Université de Dakar-IFAN, Dakar.

Thomas, Louis-Vincent (1972), *Les "rois" Diola hier, aujourd'hui, demain*, Bulletin de l'Institut Fondamental d'Afrique Noire, série B, Sciences Humaines, XXXIV (1), Janvier, Dakar.

Tomàs, Jordi (2001), *La Reialesa d'Ussuy: la Vessant Sagrada de la Identitat entre els*

Joola-kassa, StudiaAfricana, (12), pp.131-142.

Tomàs, Jordi (2005), *La identitat ètnica entre els joola d'Oussouye (Húluf, Bubajum áai)*, tesi doctoral, Departament d'Antropologia Social i Cultural, UniversitatAutònoma de Barcelona.

Valente, Flávio, (2002), *Direito Humano à Alimentação: desafios e conquistas*. São Paulo.